

Edmo Rodrigues Lutterbach

A portrait of Edmo Rodrigues Lutterbach, a man with a mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a dark tie. He is looking slightly to the left. The background is a dark, textured surface with faint, circular patterns resembling a clock face or a celestial map.

A eternidade de
Euclides da Cunha

SEGUNDA EDIÇÃO

AFL
EDIÇÕES

A eternidade de Euclides da Cunha

Edmo Rodrigues Lutterbach

A eternidade de Euclides da Cunha

2ª Edição

AFL Edições
Selo Livros da AFL
Niterói – RJ

2026

2026© Sucessores de Edmo Rodrigues Lutterbach

Edição: José Huguenin
Capa: Cleide Villela Abib
Revisão: Ana Malfacini

1ª Edição 1988, 2ª Edição 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lutterbach, Edmo Rodrigues
A eternidade de Euclides da Cunha
[livro eletrônico] / Edmo Rodrigues Lutterbach. --
2. ed. -- Niterói, RJ : Livros da AFL, 2026.
PDF

ISBN 978-65-979450-0-9

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 2. Ensaaios brasileiros 3.
Escritores brasileiros 4. Literatura brasileira I. Título.

26-342569.0

CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros: Biografia e obra 928.699
Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O

Diretoria da AFL

Presidente: Márcia Maria de Jesus Pessanha

Vice-Presidente: Eduardo Antônio Klausner

1ª Secretária: Lucia Maria Barbosa Romeu

2ª Secretária: Luiza Cristina Rangel Pinto Sassi

1º Tesoureiro: Célio Erthal Rocha

2º Tesoureiro: Cleber Francisco Alves

Diretor de Acervo Documental e Bibliográfico: Marcelo Moraes
Caetano

Presidente de Honra: Waldenir de Bragança

SUMÁRIO

Nota à segunda edição.....	5
Apresentação.....	7
Márcia Pessanha – Presidente da AFL	
Euclides da Cunha e os oitenta anos de <i>Os sertões</i>	10
Euclides, cérebro cantagalense.....	86
Obras do autor.....	114

Nota à segunda edição

No ano em que comemoramos 160 anos do nascimento de Euclides da Cunha, a **AFL Edições** escolhe ter como primeira obra publicada *A eternidade de Euclides da Cunha*, do imortal fluminense Edmo Rodrigues Lutterbach, que por tantos anos presidiu a AFL. Trata-se, também, de uma singela homenagem a um dos mais dedicados divulgadores da obra euclidiana e grande trabalhador no cumprimento da missão da Academia Fluminense de Letras.

É preciso fazer um agradecimento especial à Professora Doutora Márcia Pessanha, Presidente da AFL, que apoiou entusiasticamente o projeto de publicação desta obra. Sob sua liderança e incansável trabalho, a Academia Fluminense de Letras tem alcançado cada vez mais protagonismo na difusão e preservação da cultura fluminense e nacional.

Um dos grandes objetivos da **AFL Edições** é tornar acessível às leitoras e aos leitores

contemporâneos importantes obras de autores e autoras fluminenses, o que não seria possível pelos meios editoriais comerciais. Assim, essa 2ª Edição é publicada em formato eletrônico e disponibilizada gratuitamente na página da AFL.

Agradecemos imensamente a generosidade da família do autor pela autorização da publicação e disponibilização do texto integral, contribuindo, assim, para a eternização de Edmo e Euclides.

No que concerne à preparação da presente edição, escolhemos manter elementos gráficos do original, como a grafia de nomes próprios em letras maiúsculas, na tentativa de proporcionar uma experiência de leitura a mais próxima possível da edição original publicada pela Editora Cátedra em 1988, que teve todo cuidado de Edmo Lutterbach em todas as etapas. Para facilitar a identificação de referências, optamos por deixá-las nas notas de rodapé nas páginas onde as citações são feitas. Mantivemos as fotos da Fazenda da Saudade com a mesma disposição da 1ª Edição. Apesar do formato eletrônico, buscamos dar ao leitor e à leitora uma experiência de leitura a mais próxima possível da original. O texto foi atualizado ao acordo ortográfico de 2009 e deixamos umas poucas notas elucidativas assinaladas como N.E.

José Huguenin

Editor da 2ª Edição

Presidente da Comissão Editorial da AFL Edições

Apresentação

Com os versos de Carlos Drummond de Andrade do poema Memória – “Mas as coisas findas / muito mais que lindas / essas ficarão”, encontrei atalhos poéticos para esta breve apresentação da reedição do livro *A eternidade de Euclides da Cunha*, do acadêmico Edmo Rodrigues Lutterbach, que durante muitos anos presidiu a Academia Fluminense de Letras e foi o fundador da Academia Cantagalense de Letras.

No carrossel do tempo, pela ação de pessoas iluminadas por um ideal de construção cultural, um elo que transcende fronteiras – “pois não há nada que possa separar os que estão unidos por uma fé e uma esperança”, segundo palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen em sua *Antologia Poética* – estamos presenciando um momento de encontro, de comunhão literária e histórica através das palavras de três importantes escritores, partindo do foco irradiador Euclides da Cunha, passando por Edmo Rodrigues Lutterbach, que o celebrou em *A eternidade de Euclides da Cunha*, e chegando a José Huguenin, que teve a iniciativa de

reeditar a obra em homenagem ao autor original e ao vulto que a ambos inspirou. Edmo e Huguenin são integrantes da AFL e Euclides da Cunha, seu Patrono na Cadeira 16 da Classe de Letras, estando os três também interligados pelo espaço geográfico de Cantagalo, sua terra natal.

Motivo de orgulho e honra para a AFL ter em seu quadro acadêmico membros ilustres como Edmo Lutterbach, que pertenceu a diversas instituições literárias, se destacando nas áreas jurídica e cultural e deixando sempre nos vários órgãos em que atuou os traços precisos e louváveis de sua passagem, valendo citar a expressão “um homem de marca”, como bem o descreveu o acadêmico da AFL e da ABL Marcos Almir Madeira.

Edmo se projetou como um dos grandes euclidianistas de seu tempo. Sua admiração por Euclides da Cunha veio desde cedo, pois nasceu no município de Cantagalo, na Fazenda da Saudade, berço de Euclides da Cunha, onde passou a infância e a adolescência, respirando o mesmo ar, pisando o mesmo solo, contemplando e usufruindo das belezas daquela terra tão cara aos dois conterrâneos.

Conferencista renomado, destacamos duas de suas principais conferências que se encontram no livro *A eternidade de Euclides da Cunha*: 1- “Euclides da Cunha e os 80 anos de Os Sertões”; 2- “Euclides, cérebro cantagalense”.

Este breve introito serve para ressaltar o acerto da escolha da presente obra pelo acadêmico José Huguenin para ser reeditada pelo selo da AFL, cuja Comissão Editorial preside. Professor e apaixonado pesquisador da obra de Euclides da Cunha, sempre envolvido com as “Jornadas Euclidianas”, Huguenin é merecedor de nosso reconhecimento e aplausos.

E é neste percurso histórico, cultural, que se realiza a 1ª Jornada Euclidiana de Cantagalo, de 16 a 21 de março de 2026, com o objetivo de divulgar a obra de Euclides, e durante a qual está sendo lançada oficialmente esta nova edição de *A eternidade de Euclides da Cunha*.

Por tudo isso e muito mais, a Academia Fluminense de Letras atinge um patamar histórico, cultural, preservador da história, da vida e obra de escritores que merecem ser eternizados.

Daí a importância do selo editorial da AFL, mais uma luz em nossa instituição “*per astra*”.

Professora Doutora Márcia Pessanha
Presidente da AFL

EUCLIDES DA CUNHA
e os oitenta anos de *OS SERTÕES*

Conferência de EDMO
RODRIGUES LUTTERBACH,
Presidente da Academia
Fluminense de Letras, para as
estagiárias do XI Curso de
Extensão Cultural da Mulher,
no CLUBE MILITAR – Rio, em
16 de junho de 1983.

Pela quinta vez comparecemos a este Clube Militar para falar às estagiárias dos Cursos de Extensão Cultural da Mulher.

Aqui já discurremos sobre os temas Direito e Justiça; A Literatura Nacional e as Academias Literárias; O Direito Penal e a Justiça em nossos Tempos; Direito, Justiça e Violência. Hoje, novamente honrado com o convite do Presidente do órgão, General Tasso Villar de Aquino, voltaremos os sentidos para Euclides da Cunha e os 80 anos de *Os Sertões*.

Atento a isto, sentimo-nos envaidecido com a veleidade de dearticular o que sabemos a respeito dessa figura esquipática que se chamou EUCLIDES PIMENTA DA CUNHA¹, de sua obra e,

¹ Euclides Pimenta da Cunha é como está grafado no Livro n.º 1 de assentamento e Batizado da Paróquia de Santa Rita do Rio Negro (atual Euclidelândia, 3.º Distrito do Município de Cantagalo), às folhas 161 e 161 v: “N.º 49 – *Euclides Pimenta*

especialmente, de seu monumentoso livro universalmente conhecido e admirado, *Os Sertões*.

Depois de assistir a conferências de eminentes figuras, de ler e reler trabalhos de esmerados críticos a respeito de Euclides e de suas produções, concluímos não ser fácil, ou, seriamente afirmando, está acima de nossas possibilidades trazer à selecionada assistência algo de novo em torno do assunto. Confessemos que nossa idiopatia por EUCLIDES levou-nos sempre à leitura de suas obras e de tudo publicado a seu respeito. Não adveio de laços que poderíamos chamar de “conterraneidade”. Temos fixamente as atenções voltadas para aquilo que sua pena inimitável produziu, com recordo, ao mesmo tempo, da Fazenda da Saudade, estância amada que foi

da Cunha. Aos vinte e quatro de novembro de mil oito cento sessenta e seis batizei e pus os santos óleos a Euclides, branco, nascido em vinte de janeiro do corrente ano, filho legítimo de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e Eudoxa Moreira da Cunha: foram padrinhos José Teixeira de Carvalho e Emerenciana da Silva Teixeira, do que para constar fiz isto. O Vigário Callado Geminiano da Piedade Miranda. Declaro que transcrevi este assento do próprio Livro dos Batizados desta freguesia de ordem do Rem. Vigário Geral e Governador do Bispado. A Vigr. Callado Geminiano da Piedade Miranda”.

também o nosso berço; tebaida que nos abrigou em toda infância. Saudoso recanto "de nome poético, impregnado de sentimento bem brasileiro", na frase de MOISÉS GICOVATE².

Lá realizamos, embora sem a compreensão necessária, sem a capacidade suficiente (esta ainda nos falta), a primeira leitura de *Os Sertões*, livro que maior impressão nos causou, tido como um dos documentos intelectuais mais altos da América; de maior fundo humano e de mais pungente e bela forma literária, no juízo de J. M. PUIG CAUSARAUX em artigo na *Revista América*³.

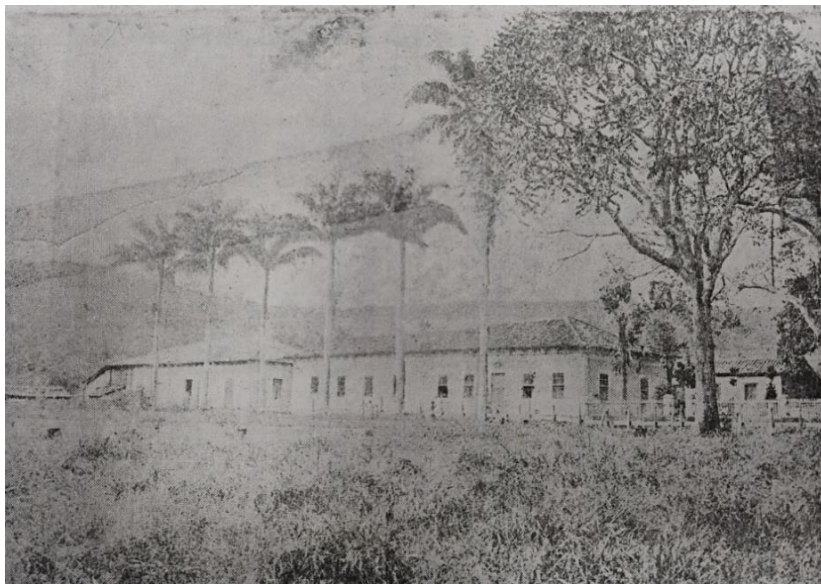
Naquela Fazenda percorremos igualmente as duzentas e sessenta páginas de *Contrastes e Confrontos*, de "Heróis e bandidos" à "Civilização".

Lemos *A Margem da História*, com os doze subtítulos, ensaio cujo sucesso o pelúcido artífice

² Euclides da Cunha, *Uma Vida Gloriosa*, Edições melhoramentos, p. 9.

³ *Apud* Francisco Venâncio Filho, *A Glória de Euclides da Cunha*, Brasileira, vol. 193, ed. 1940, p. 225

não pôde contemplar, porque publicado post mortem e fizemos, com semelhante interesse, a leitura de *Canudos - diário de uma expedição*.



*A verdadeira casa de Euclides da Cunha
Foto jamais publicada até a primeira edição.*



Na foto acima percebe-se ao fundo a Fazenda da Saudade e, à esquerda, o antigo engenho de cana construído em 1832, que ainda está de pé.



Fazenda da Saudade – parte da sede, fotografia publicada em várias obras.

Fomos além: tivemos sob os olhos as notas complementares no *Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana*, editadas pela Imprensa Nacional em 1906, nas quais o comissário brasileiro EUCLIDES lança observações profundas sobre a história da Geografia do Purus. Ainda, alcançamos Martin Garcia (artigos em jornais, revistas etc.).

Penetramos extasiado em *Peru Versus Bolívia*, que obtivemos por empréstimo e vimos as duzentas e uma páginas redigidas sobre a controvérsia de duas Nações (incluindo o *protesta del Peru, contra protesta de Bolívia*, a demarcação Brasília-Boliviana do Madeira e a ata definitiva do Javary), as quais EUCLIDES chamou de "páginas à vontade", em que pretendeu defender "a verdade contra o Direito ou as razões de um litígio internacional", enfeixando curiosíssimo estudo histórico-geográfico-diplomático, pelo ilustre chanceler RIO BRANCO, encomendado à perícia, perspicácia e ao saber de Euclides da Cunha, na conformidade da explicação

de SILVIO ROMERO, in *História da Literatura Brasileira*⁴.

Em ambas – redige o conferencista CESAR SALGADO⁵, ele demonstra a versatilidade do talento e sua polimática erudição.

Trata-se, em verdade, de estudo erudito e judicioso do litígio entre dois países andinos, no qual o autor examina os fatos à luz da história e, munido das mais minuciosas informações geográficas, salienta erros técnicos e científicos que haviam, através de tratados e convenções, consagrado falsos princípios de direito, qual adverte MODESTO DE ABREU⁶.

Não é demais acrescentar que esse trabalho de diplomacia, de geografia histórica, de direito, como está sintetizado na *Revista Brasileira de Geografia*⁷

⁴ Livraria José Olympio Editora, Tomo 5.0, 3. ed. p. 412.

⁵ *Temas e Perfis*, São Paulo, 1975, p. 50.

⁶ *Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha*, Edit. Civilização Brasileira, S.A., 1963, p. 94

⁷ Ano II, janeiro-1940, tomo 1, p. 240.

é de tal valor que o representante boliviano, junto ao árbitro argentino, fê-lo verter para o castelhano. "Pesou na decisão arbitral a peça monumental do pensador brasileiro, que esclarecia de vez os tratados de 1867 entre o Brasil e a Bolívia e o de 1851, entre o Brasil e o Peru".

Foi assim Euclides da Cunha o primeiro historiador brasileiro a destacar o papel singularíssimo da Bolívia no complexo sócio-geográfico-político da América do Sul, no adendo de LEANDRO TOCANTINS⁸.

Finalmente, na silenciosa Fazenda da Saudade conhecemos a conferência proferida no Centro Acadêmico Onze de Agosto, em São Paulo, a 2 de dezembro de 1907, *Castro Alves e Seu Tempo*, em benefício da herma do poeta.

Senhoras e senhores:

⁸ *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*, Gráf. Record Editora, 1968, pp. 22/23.

Estamos dominados pela apreensão.

Nunca é demais, porém, tributar-se homenagem ao estilista de Cantagalo e difundir conceitos emitidos por seus maravilhados compatriícios e aristarcos de outros países, provocados pela leitura de *Os Sertões*. Os estudos concernentes à obra são numerosos, ninguém desconhece.

Há oitenta e um anos – dezembro de 1902 – foi publicado o primeiro livro do filho da Fazenda da Saudade, por ele cognominado "poema de heroísmo e de brutalidade", lê-se na oferta de um exemplar a ALBERTO RANGEL⁹. Desde então encontramos trabalhos, preleções e conferências em torno do mesmo; e encontraremos sempre, pois são páginas fascinantes e imperecíveis, como inolvidável o nome de seu esteta.

A memória de Euclides vive por si mesma na alma dos seus admiradores declara o Marechal

⁹ Apud Francisco Venâncio Filho, ob. cit. p. 68.

CANDIDO RONDON em artigo na revista *Dom Casmurro*¹⁰ e não pelo valor e beleza das efusões que anualmente lhe dedicam os mais brilhantes espíritos do nosso dia.

Comporta o título enunciado a digressão que vos fazemos.

A tenuidade do tempo entre o convite e a exposição não nos permitiu anatomizar uma faceta outra da vida do escritor coestaduano, que sempre terá prismas a desafiar a argúcia do intérprete. Procuraremos, assim, trazer aos ouvintes a impressão, não somente nossa, que é frágil, mas da elite intelectual, nacional e estrangeira, a respeito do livro de estreia com que Euclides se descobriu aos olhos do mundo cultural.

Cantagalo, o Estado do Rio, melhor dizendo, necessita ampliar os conhecimentos acerca desse expoente, que é patrimônio do nosso Município,

¹⁰ Ano X, Rio, maio de 1946 (número especial de aniversário).

ornamento da terra fluminense, ufanía da Pátria brasileira.

Euclides da Cunha, cuja glória apregoava EVARISTO DE MORAES constituir toda uma riqueza nacional¹¹ será lembrado sempre, e suas obras constantemente lidas, relidas, criticadas, citadas e... plagiadas. É invulgar o aparecimento de gênio dessa estirpe.

INFÂNCIA INFELIZ E FUTURO TRIUNFANTE

Ninguém poderia conjeturar que um futuro cheio de glórias esperava aquele menino de infância entrecortada de episódios tristes, atribulada, infeliz e difícil, atingido pesarosamente pela orfandade materna aos três anos de existência.

Após ser insulado em ambiente estranho, na longínqua Teresópolis, depois São Fidélis (Fazenda São Joaquim, que o abrigou até 1874), é levado

¹¹ *Reminiscências de um Rábula Criminalista*, Ed. Grande Livraria Leite Ribeiro, 1922, p. 220.

anônimo para a Bahia; posteriormente regressa ao Rio. Aí educa-se, aí se atira à luta, aí vence, aí imortaliza-se e aí desaparece aos 43 anos, deixando em nossas letras um vinco indestrutível com seu nome; hoje, uma advertência ao intelecto. Tem o efeito do asterisco quando encontrado numa frase longa: desperta a atenção do leitor para uma explicação à parte, pois Euclides é o representante autêntico da cultura brasileira, não tendo quem se lhe assemelhe em estilo.

Com 13 anos ingressa no Colégio Anglo-Brasileiro – Rio; já estivera no Colégio Caldeira e Internato Solom – São Fidélis; Colégio Bahia – Salvador. De 1880 a 1882 cursa os Colégios Vitória da Costa e Menezes Vieira.

Matricula-se, decorridos anos, na Escola Politécnica e, em 1886, entra, tímido e bravo, na Militar, de onde sai, consciente e orgulhoso, depois de ousado protesto perante os companheiros de farda, face à mudança de atitudes destes, ante o Ministro da Guerra, Tomás Coelho.

Não teve compreendido seu procedimento e foi desligado do Exército. Possuía o co-munícipe a timidez de criança inconsciente e bravura de leão mal ferido, minudencia LIBERATO BITTENCOURT¹².

Glosou AFRÂNIO PEIXOTO que não era mesmo possível uma Academia num Quartel.

Segue, no ano 1888, para o Estado paulista e escreve o primeiro artigo *na Província de São Paulo*, intitulado "A Pátria e a Dinastia". Lá, entretanto, não permanece em definitivo. Tem as atenções voltadas para a Escola Politécnica do Rio.

Retorna subitamente e submete-se aos exames desta. Em novembro, ocorre a reversão ao Exército. Faz os cursos de Estado-Maior e Engenharia Militar, cursa também a Escola Superior de Guerra – 1891. No ano seguinte é

¹² *Crítica e Filosofia*, Oficinas Gráficas do Ginásio 28 de Setembro, Rio, 1930, vol. II, p. 325.

promovido a 1º tenente do Estado-Maior e, um lustro empós reformado.

No mês de setembro de 1897, desponta em Canudos. É o repórter de *O Estado de São Paulo* naquela parte agitada do país, que atraía as atenções dos brasileiros. Precavido, "levava consigo cópia de um mapa, ainda inédito, na parte referente a Canudos e o vale superior do Vaza Barris", mais algumas notas alusivas às terras dos sertões, solicitadas a TEODORO SAMPAIO¹³.

De lá passou a redigir; fazia jornal - notou MARIO MARTINS¹⁴, como o artista de gênio talha o mármore ou funde o bronze, inteiramente alheio à crônica miúda das ruas e ao que viessem a pensar dele.

Descortina de perto os acontecimentos naquele escaninho relegado da Pátria, anota-os e os

¹³ V. Edgard de Carvalho Neves, *Afirmção de Euclides da Cunha*, Oficinas Gráficas e Linográfica Editora, 1960, p. 145.

¹⁴ *A Evolução da Literatura Brasileira*, Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, vol. 2.0, Rio, 1945, p.323.

envia à imprensa, "ensinando-nos a ver as chagas e ouvir os gemidos de nossa Pátria"¹⁵. Registra o que vê e sente na nefasta luta, da qual não saiu vencido nem vencedor, em seu próprio sentir, impressionando-se com as cenas dantescas, o quadro desolador da região percorrida, e contemplando, no meio da revolta, não a destruição do arraial de Canudos, mas da "nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita da Pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços"¹⁶.

Percorre os mais intrincados recantos daquelas plagas, por estradas ignotas, que o índio

¹⁵ Cortes Júnior, *Elogio de Euclides da Cunha*, in Revista da Academia Fluminense de Letras, vol.I, p. 15, 1949.

¹⁶ Euclides da Cunha, *Canudos (Diário de uma Expedição)*, Coleção Documentos Brasileiros, Liv. José Olympio Editora. 1939, p. 25.

viu, o bandeirante adivinhou e o Império abandonou, prefacia ARARIPE JUNIOR¹⁷; assiste a toda miséria e barbaria, concluindo, afinal, haver compreendido o gênio sombrio e prodigioso de Dante, porque a seu ver, há uma coisa que só ALIGHIERI soube definir e ele divisou, "naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do INFERNO: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos da dor e soluços extremos da morte¹⁸.

O quadro que vislumbra, se venusto ou dântico, é fotografado por sua eficaz concepção, permitindo retratá-lo no papel. Daí dissertar SILVIO ROMERO que a imaginação potente de Euclides, funcionando como um aparelho fotográfico, reproduzia as cenas da natureza e do viver social na sua expressão realística¹⁹.

¹⁷ *Estudo crítico in Contrastes e Confrontos*, Lello & Irmão Editores, Porto, 9.a ed., 1907, p. XXXVII.

¹⁸ Euclides da Cunha, *Canudos (Diário de uma Expedição)*, ob. cit. p. 119.

¹⁹ *História da Literatura Brasileira*, ob. cit. p. 411.

Sua pena revela toda a forma do belo, beleza pincelada muitas vezes pelos efeitos de uma tragédia.

Surgem as narrações revestidas de brilho singular; imprime vida ao quadro exposto, adita ALMACHIO DINIZ²⁰. Encantam, comovem, cintilam e se fixam, ao mesmo tempo, no espírito do leitor. OLIVEIRA VIANNA chegou a sublinhar em *Pequenos Estudos de Psicologia Social*²¹ que nos seus últimos escritos, Euclides da Cunha, nos dá, às vezes, a sensação de uma rapidez faiscante, que chega a ser incômoda.

Foi sempre assim; quer retratando uma tragédia. descrevendo a terra, a entrada no sertão, o clima, as secas, produzindo aquelas cinquenta e cinco páginas iniciais d'Os Sertões, ou explicando o homem, a complexidade do problema etnológico no

²⁰ In obra de Mário Oberlander, *Euclides da Cunha – Apostila para um ensaio crítico*, Editora Ilustrada. Rio, 1925, p. 26.

²¹ Monteiro Lobato & C. Editora, São Paulo, 1923, p. 205.

Brasil, a gênese do jagunço, seu negaciar demoníaco, a resistência do sertanejo, o raquitismo exaustivo do mestiço neurastênico do litoral, os tipos díspares enfim, é preciso, poético até. "O Castro Alves da prosa nacional", retratou-o belamente AFRANIO PEIXOTO²², embora o precipitado SERAFIM LEITE, na substanciosa *História da Cia. de Jesus no Brasil* alvitrasse que o conhecimento do Sertão é ainda incompleto em Euclides da Cunha²³.

Se aponta as erosões fantásticas, realizadas pelos grandes rios – emenda ROQUETE PINTO, se descreve os aspectos fitográficos; se discute a tectônica de certas regiões; se menciona os tipos da fauna; se narra a vida humana que transcorre nos páramos por onde andou, a sua língua é estuante, grandiloqua, solene como a voz de um povo²⁴.

²² Apud D. Aquino Corrêa, *Discursos*, Imprensa Nacional, Rio, 1944, p. 325.

²³ Volume V, p. 315.

²⁴ Conferência na Biblioteca Nacional em 15 de agosto de 1917, in *Por protesto e Adoração*, Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, pp. 61/62.

GILBERTO FREYRE, em *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*²⁵ menciona que na descrição dos sertões o cientista erraria em detalhes de geografia, de geologia, de botânica, de antropologia; o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnósticos sociais do povo sertanejo. Mas para o redimir dos erros de técnica, havia em Euclides da Cunha o poeta, o profeta, o artista cheio de intuições geniais. O escritor dos ritmos musicados pelas palavras que lhe brotavam em cadência harmoniosa, acrescentemos algo de ANTONIO AUGUSTO DE SIQUEIRA²⁶.

O mago das letras narra as cenas que contemplou, de maneira tão perfeita, tão completa, ou como articulou JOSE BEZERRA CAMARA, dá-lhe colorido tão vivo, tão nítido, que nos deixa a impressão de haver presenciado todas as fases de cada episódio²⁷.

²⁵ Livraria José Olympio Editora, 1944, p. 25.

²⁶ In *Revista da Academia Fluminense de Letras*, vol. XIV, p. 47.

²⁷ Euclides da Cunha, o inesquecível, in *Revista Careta*, n.º 2.667, p. 14.

Demonstremos com esta passagem viva, quase diríamos onomatopaica, encontrada a páginas quatrocentos e noventa e três de *Os Sertões*: "Porque a ação se delongava. Delongava-se anormal, sem o intermitir das descargas intervaladas, o tiroteio cerrado e vivo, crepitando num estrepitar estrídulo de tabocas estourando nos taquarais em fogo²⁸.

Se silenciarmos por momentos, observaremos que nossa audição ficará aturdida durante segundos.

Para ele, a palavra havia de ser "sonora e rara, a imagem era enjeitada se não crepitasse em deflagração ou lampejasse em deslumbramento". O texto é de seu antecessor na Academia Brasileira²⁹.

UM NOTÁVEL PINCELADOR DE PERFIS

²⁸ Livraria Francisco Alves, 25.a Edição, 1957.

²⁹ Discurso de Afrânio Peixoto na Academia Brasileira de Letras a 11 de agosto de 1911, in *Antologia da Academia Brasileira de Letras*, de Humberto de Campos, Liv. José Olympio Editora, 2.a ed. 1935, p. 129.

O estilista Euclides, depois de pinçar os absconsos fragmentos da terra, das lutas, revela-se notável pincelador de perfis.

Para ele, José Venâncio é o "terror da Volta Grande"; aparece ladeado do "afoito" Pajeú, "rosto de bronze vincado de apófises duras, mal-aprumado o arcabouço, atlético, que volve, "como as suçuaranas em noite de luar, olhar absorto para os céus". Pedrão, "cafuz entroncado e bruto"; Joaquim Tranca-Pés, "outro espécimen de guerrilheiro sanhudo"; "o tragicômico Raimundo Boca-Torta, "espécie de funâmbulo patibular, face contorcida em esgar ferino". O "ágil" Chico Ema; Antônio Fogueteiro, "incansável aliciador de prosélitos". O velho Macambira, "pouco afeiçoado à luta, de coração mole, mas espírito infernal no gizar tocaias incríveis". O explorador solerte Vila-Nova, o qual "finge que ora, remascando cifras"; o chefe do povo, astuto João Abade, que "abrange no olhar dominador a turba genuflexa". Antônio Beato, "mulato espigado, magríssimo, adelgaçado pelos

jejuns, muito da privança do Conselheiro, meio sacristão, meio soldado, misseiro de bacamarte", o "altareiro, que tomava de um crucifixo, contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase, aconchegava-o ao peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente". Antônio Conselheiro, "um documento vivo de atavismo".

Outras personalidades, importantes, não lhe escaparam.

Decifrou o tenente-coronel TUPY CALDAS como um sério "oficial de carreira", "um militar de raça", "um esplêndido general do futuro"; homem modesto, "mas tendo, perene, n'alma, o sonho indefinido, a idealização suprema e absorvente da glória".

ANCHIETA é "a síntese de uma época". NABUCO, "um nome que é um patrimônio

nacional". CAXIAS, "o mais prudente dos heróis", "o cabo de guarda do Império", "a escora de um reinado". BONAPARTE, "o mais pequenino dos grandes homens".

Somente não alcançou muito bem o interior de FLORIANO, que, ao recebê-lo, estendera-lhe a destra, deixando transparecer claramente algum desprezo, porque "murchou-lhe a mão num cumprimento frio".

Produz Euclides lances excessivamente dramáticos, veramente geniais. O esmero deles não nos permite reduzi-los, nem os alterar, se da ideia discordássemos. A adjetivação empregada é a necessária; insubstituível, conclui-se. Com linguagem pródiga, inimitável, vai ele sonorizando os ouvidos dos amigos com frases cheias de deleite, na percepção de LEANDRO TOCANTINS³⁰.

Descreve com elegância e coragem o ocorrido no solo amado, "a rude e formosíssima terra" assim

³⁰ Ob. cit. p. 51.

a designava, duvidando até que uma pena habilidosa pudesse formar, com exatidão, os traços singularíssimos da nossa vegetação. Confessa-o no prefácio do *Inferno Verde*, de ALBERTO RANGEL³¹: “Nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria inexpressiva, na desordem majestosa do Amazonas”.

Franco a toda prova, veemente, de atitudes decisivas, Euclides não conhece meios termos. Quando elogia, ergue um pedestal. Quando condena, abre um túmulo, sustenta ALBERTO LAMEGO FILHO³².

Euclides possui autoridade para corajosa afirmação. Conhece a capacidade dos luminares citados. Mas o que o arquiteto de *Os Apóstolos* e o

³¹ 4.a edição, Tours Typographia Arrault & Cia., 1927, p. 21

³² *O Estado*, Niterói, 11 de setembro de 1932.

obreiro de *Eurico* não matizariam com a frase impecável e a concisão lapidária, ele o faz com a pena adestrada, ou com o cipó, na fugidia alusão de NABUCO, pois vindo de perto aquela "terra misteriosa", que conhecemos "aos fragmentos", a Amazônia, onde o homem "é ainda um intruso impertinente", "chegou sem ser esperado nem querido quando a natureza estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão", e "é estrangeiro, embora pisando em terras brasileiras"; região em que um rio, dramaticamente, provoca "a luta das espécies vegetais", em "movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos", vero oceano de águas doces, cuja inconstância tumultuária "retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrogando-se à ventura em repentinos atalhos"; e precipita-se, "desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios com a ânsia, com a tortura, com o

exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido"...³³

Essa Amazônia que ele revelou à consciência nacional, alerta VENANCIO FILHO³⁴ vem estudada, mais acentuadamente no prefácio referido. Não o levou a compor somente os artigos e ensaios que constituem *À Margem da História*.

Norteados pelas fascinações dos horizontes desconhecidos, pela sedução dos mistérios virginais da terra, Euclides da Cunha fixou, como ninguém, na sua obra, o colorido localista, as aspirações do sertão, a fisionomia particular da nacionalidade, explica o ex-Mestre da Universidade de São Paulo, FERNANDO DE AZEVEDO, no seu alentado códice *A Cultura Brasileira*³⁵.

³³ Euclides da Cunha, *À Margem da História*, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, Ltda., 1922, pp. 6, 8, 9, 14, 15, 17.

³⁴ Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha e a Amazônia*, Ed. da Sociedade Brasil. de Geografia e do Conselho Nacional de Geografia, 1949, p. 9.

³⁵ Cia. Editora Nacional, 2.a edição, 1944, p. 1947.

Naquele preâmbulo sedutor do *Inferno Verde* que, a nosso ver, sobrepuja a obra apresentada, Euclides, conhecedor minucioso da Amazônia, ressalta que "a inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la". E sustenta: "Escapa-se-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa ver, apequenando-se através dos microscópios; e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente e torturadamente".

Mas é natural, conforma-se. "A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton; esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados adstrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-

a, estreitando, e especializando, ao mesmo passo, os campos de observações".

Repara ainda: "É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo. Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira". A Amazônia, enuncia categórico, "é a última página, ainda a escrever-se, do Gênesis"³⁶.

* * *

Percebemos nitidamente ser Euclides um enamorado do solo pátrio; brasileiro apaixonado, convicto, nacionalista orgulhoso do País que lhe serviu de berço, "um perseverante que havia de deixar em todos os rincões brasileiros o marco de sua passagem, sempre consciente do cumprimento do dever"³⁷. Um Himalaia de patriotismo, batizou-o JULIO BUENO³⁸.

³⁶ Prefácio do livro *Inferno Verde*, ob. cit.

³⁷ Eneida Fortuna Barros do Valle, *Euclides da Cunha Ante a Cultura Brasileira*, Gráfica J. Gonçalves, Niterói, 1967, p. 6.

³⁸ Apud Dilermando de Assis, *A Tragédia da Piedade*, Edições "O Cruzeiro", 1951, pp. 34/35.

Euclides da Cunha, amoroso dos sertões adustos cujo estilo tem a pompa das selvas luxuriantes — na ênfase de ALOYSIO DE CASTRO³⁹, foi o artista que rasgou a cortina desse encantado vale amazônico, o inferno verde de Alberto Rangel ou o verde paraíso de Raimundo Morais. O grande animador da nossa paisagem, o primeiro a pintar a tragédia do homem ante o mistério da natureza, amplia NELSON WERNECK SODRÉ⁴⁰.

CARLOS MAUL frisou que o nacionalismo de Euclides é uma constante em toda sua obra⁴¹. Além de sincero, percebe UMBERTO PEREGRINO, é aquecido pela chama de um idealismo poderoso, que lhe guiou todos os passos na vida⁴².

³⁹ *Discursos Acadêmicos*, Empresa Editora A B C Limitada, vol. VII, 1937, p. 97.

⁴⁰ *História da Literatura Brasileira*, Livraria José Olympio Editora, 2.a ed. 1940, p. 209.

⁴¹ O Nacionalismo de Euclides da Cunha, in vol. XI da *Revista da Academia Fluminense de Letras*, p. 115.

⁴² *Euclides da Cunha e outros estudos*, Gráfica Editora Record, 1968, p. 87.

Prefere seu Brasil semidescoberto à Europa encantada, ou mais que isto, propagada. Não troca nosso sertão, a picada contrafeita ou sua vida afanosa e triste de pioneiro, pelos brilhos de qualquer posição, como asseverara.

Quer "as Catas desoladas do deserto/Cheias de sombra, de silêncio e paz"... São seus os versos⁴³. E esse amor é exsurgido em todas as passagens, motivo por que VICENTE LICÍNIO CARDOSO deixou claro, em *Figuras e Conceitos*⁴⁴, que ninguém bebeu com maior sofreguidão a seiva da terra; e nenhum outro escritor sintetizou, com tanta pompa, a própria força de nossa terra. Viu-a na sua magnitude impressionante e viu o homem na sua tragicidade, lutando por vencê-la, completa LAMEGO FILHO⁴⁵.

É o mais nacional de nossos escritores, aduz JEAN JUAREZ, o mais caracteristicamente, o mais

⁴³ Apud Coelho Neto, *Livro de Prata*, Livraria Liberdade, 1928, p. 239.

⁴⁴ Edição Anuário do Brasil, Rio, 1924, p. 130.

⁴⁵ Alberto Lamego Filho, *O Estado*, jornal cit.

profundamente brasileiro, aquele que melhor se constituiu num tipo representativo da nossa nacionalidade, das feições e tendências do nosso espírito e das próprias aspirações inconscientes que se descobrem nas linhas de nossa evolução histórica⁴⁶.

Escrevendo a Alberto Rangel, em 10 de dezembro de 1907, Euclides verbera: "*Recebo sempre os teus cartões postais, gentilíssimos e breves, e tão sinceramente admirativos ante os encantos do velho mundo. Mas penso, com tristeza, que eles te estejam apagando na alma a lembrança de nossa rude e formosíssima terra. Precisas reagir contra a feitiçaria da velha toda ataviada de primores – e que, afinal, não vale a nossa Pátria, cheia de robusta e esplêndida virgindade*"⁴⁷.

Em versos dedicados a COELHO NETO expende assemelhável concepção:

⁴⁶ In *Euclides da Cunha, ensaio Bio-bibliográfico*, por Francisco Venâncio Filho, Of. Industrial Gráfica, 1931, p. 130.

⁴⁷ Alberto Rangel, *Rumos e Perspectivas*, Comp. Portuguesa, Editora, Porto, 1914, p. 87.

*"Não invejo, porém, os que se vão,
Buscando, mar em fora,
De outras terras a esplêndida visão"*⁴⁸.

Amava o Brasil e o seu idioma. Dirigindo-se aos bacharelados, em Lorena, no ano de 1924, o incontestável orador sacro DOM FRANCISCO DE AQUINO CORREA lembrava que o mais belo exemplo que Euclides da Cunha legou à juventude estudiosa foi, sem dúvida, o seu grande amor à língua nacional⁴⁹.

Orgulhava-se dela e censurava que, às vezes, a nossa inteligência se desnatura, pois nos salteia a impressão de não sermos tão brasileiros, diante dos povos que nos intimidam e encantam. A propósito esclarece: "O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos, que o rodeiam, senão a inteligência que se desnatura

⁴⁸ Apud Brito Broca, *Pontos de Referência*, Ministério da Educação e Cultura, 1962, p. 94.

⁴⁹ *Discursos*, ob. cit. pp. 172, 173.

numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo psíquico nessa covardia de nos forrarmos pela semelhança externa, aos povos que nos intimidam e encantam. De modo que, versando as nossas coisas, nos salteia o preconceito de sermos o menos brasileiro que nos for possível. E traduzimo-nos eruditamente, em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo deverá consistir em que ao português lhe custasse a traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua. De qualquer modo – prossegue – é tempo de nos emanciparmos”⁵⁰.

RECONSTRUÇÃO DE UMA PONTE E CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO

Em 1899, Euclides, engenheiro da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo (nomeado a 13 de julho de 1896, com o ordenado de Rs. 720\$000⁵¹), é encarregado de reerguer a ponte erigida sobre o Rio Pardo, a qual,

⁵⁰ Prefácio do livro *Inferno Verde*, ob. cit., pp. 188, 189.

⁵¹ N.E. Setecentos e vinte mil Réis

aberta ao trânsito em 3 de dezembro de 1897, ruíra cinquenta e um dias após.

Anteriormente orçara despesas para conserto de outra, no Rio Tietê.

No início de 1897, incumbido de estudar, locar, planejar e orçar uma, de madeira, com 273 metros de extensão para a travessia do Rio Grande, próximo à Santa Rita do Paraíso; de examinar, também, os defeitos surgidos noutra, no Rio Paraíba, em Vila da Bocaina; de rever o estudo de mais uma, no Rio Pardo (Estrada Botucatu a Ribeirão Grande); da revisão doutra, no Rio Paraitinga, em São Luiz do Paraitinga⁵².

Aproveitou o filho de Cantagalo a oportunidade (nada favorável) para revisar os artigos escritos durante a pugna tenebrosa em Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansanção,

⁵² V. Antônio da Gama Rodrigues, *Euclides da Cunha, Engenheiro de Obras Públicas no Estado de São Paulo*, Ind. Gráf. José Ortiz Júnior Editor, São Paulo, 1956, pp. 11 e 12.

Quirinquinquá, Monte Santo, Canudos e dar-lhes forma literária.

Aí, nesse obscuro local que ficou histórico, o "repórter de gênio, só comparável ao Kipling que descreveu as operações militares de Lord Roberts"⁵³, reviu a correspondência, redigida na barafunda da campanha aos primeiros jactos da emoção tumultuosa, na conceituação de AGRIPPINO GRIECO⁵⁴, e preparou esse monumento da inteligência nacional, *Os Sertões*.

"Euclides da Cunha, armado de vastos conhecimentos, deixou de lado os modelos, fugiu dos caminhos conhecidos e mergulhou a imaginação criadora nos sertões brasileiros, nos seus solitários, nas suas florestas virgens. Ali (refere-se ao pequeno rancho à margem do Rio Pardo) forjou o seu estilo feito das convulsões da terra, das lutas do homem pequenino contra a natureza poderosa e das exaltações de um

⁵³ Agrippino Grieco, *Evolução da Prosa Brasileira*, Ariel, Editora Ltda., Rio, 1933, p. 282.

⁵⁴ *Poetas e Prosadores do Brasil*, Edit. Conquista, 1968, p. 161.

patriotismo devorado pelo enigma dos destinos nacionais.

Seu estilo respira todos os aspectos e toda a vitalidade de nossa natureza. Como certas regiões do Brasil, é seco, agreste e abrasador; como alguns dos nossos grandes rios, é pedregoso, todo em curvas e cortado de cascatas; das curvas surgem admiráveis perspectivas imprevistas e na névoa das cachoeiras se forma por vezes uma sucessão de arco-íris, pelos quais se sobe para os cimos do pensamento. Da floresta brasileira tem a imponência, a pujança, a variedade e até os cipós. Mas tem também muitas dessas delicadas árvores de folhas prateadas ou escarlates, cujas copas sobressaem no verde escuro das matas", discursa três décadas depois do lançamento de *Os Sertões*, ARMANDO SALLES OLIVEIRA⁵⁵.

* * *

⁵⁵ *Jornada Democrática*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1937, p. 3.

Organizado o trabalho, se quer encaminhá-lo à publicação, aguarda que o calígrafo José Augusto (sargento da Polícia Militar) o passe a limpo, por ordem de Francisco Escobar, presidente da Câmara Municipal de São José do Rio Pardo.

Imaginali quanta demora! Contém mais de quinhentas e cinquenta páginas...

Ultimada a tarefa, ESCOBAR é o primeiro crítico. Lê o manuscrito e chama a atenção de Euclides para alguns descuidos; o publicista, preocupado, torna à leitura. Apavora-se. "Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror!"⁵⁶

Julga, por isso, ser o valor do "pobre e estremecido livro" destruído e passível "da fêrula brutal dos terríveis gramatiqueiros que passam por

⁵⁶ Eloy Pontes, *A Vida Dramática de Euclides da Cunha*, Livraria José Olympio Editora, 1938, p. 188.

aí os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes".

Faz Euclides as correções e leva o trabalho a São Paulo para o jornal *O Estado* publicá-lo em folhetins. Depois de seis meses de espera, lá retorna, encontrando o embrulho empoeirado. Coloca-o debaixo do braço, vem ao Rio de Janeiro e procura as editoras; seus chefes "torcem-lhe o nariz", expressa-se VIRIATO CORREA⁵⁷. Rejeitam a empreitada.

O *Jornal do Commercio* recusa-o para opúsculo.

MASSOW, da Casa Laemmert, todavia, depois de muito pensar, agarra-se ao manuscrito. Publicará o livro. Foi o bastante para surgirem as preocupações em Euclides. Ia ser lenha para o seu auto de fê, confia a COELHO NETO. "Já começo a sentir o calor das labaredas que se

⁵⁷ *Suplemento Mundano*, 19 de agosto de 1923

levantarão assopradas pelo Santo Ofício da Crítica"⁵⁸.

* * *

Está ele em Lorena, quando recebe duas cartas do editor; a primeira, arrasadora. Confessa-se o missivista arrependido de haver editado a obra, pois não vendera um só volume e acrescenta que, custando dez mil réis cada, oferecera aos sebos da Rua São José por cinco, não havendo quem o aceitasse.

Na segunda, MASSOW declara-se assombrado com a venda; em oito dias desaparecera um milheiro. Conta-lhe, inclusive, a repercussão das críticas pelos jornais. A sorte de Euclides foi ter lido inicialmente a segunda carta, pois se ocorresse o contrário, morreria decepcionado, segreda a VIRIATO CORREA.

⁵⁸ *Livro de Prata*, ob. cit. p. 211.

Edificou, assim, numa só ocasião, dois monumentos que resistem o desafio dos anos e às pertinazes censuras: a ponte e o livro. Aquela, a grande reconstrução por ele empreendida, inaugurada a 18 de maio de 1901. Este, o maior livro escrito no hemisfério ocidental, na segura opinião do Professor de Literatura Hispano-Americana e Reitor da Universidade de Obregon, J. C. NELSON, lançado em fins de 1902. A revelação nos chega pelo fluminense de Campos, FRANCISCO VENANCIO FILHO⁵⁹. O livro que voltaria a inteligência brasileira para compreensão do meio físico, e marcaria um dos eixos permanentes de nossa vida cultural, reaviva SANTIAGO DANTAS⁶⁰.

O SUCESSO DA OBRA E A VENDA DA EDIÇÃO

Surgiu, desse modo, o livro, "irmão gêmeo da ponte", na expressão euclidiana. Decorridos alguns meses, esgota-se a edição que lhe custara um conto

⁵⁹ *A glória de Euclides da Cunha*, ob. cit. p. 220.

⁶⁰ *Rui Barbosa e o Código Civil*, Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 10.

e quinhentos mil réis e da qual recebeu o saldo de Rs. 2\$198:750⁶¹. A Leammert & C., Editores, imediatamente, devido ao sucesso alcançado, propõe-lhe a compra da segunda tiragem por um conto e seiscentos mil réis.

Necessitando da importância para garantir um seguro de vida, Euclides não repulsa a proposta. Nada perde com a venda por aquele preço, escreve ao pai Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, "porque num primeiro livro só se aspira a um lucro de ordem moral e este eu já tive de sobra"⁶².

A 9 de julho de 1903 sai a edição negociada.

No ano imediato é publicada a terceira, e os direitos autorais, vendidos por um conto e oitocentos mil réis.

⁶¹ N.E. Dois contos, cento e noventa e oito mil, setecentos e cinquenta réis, ou dois milhões, cento noventa e oito mil e setecentos e cinquenta réis.

⁶² Apud Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha a seus Amigos*, Comp. Edit. Nacional, São Paulo, 1939, p. 100.

AS CONSEQUÊNCIAS ADVINDAS

Teçamos comentários em torno dessa obra que conduziu o cantagalense, em 1903, à Academia Brasileira de Letras, assentando-o na Cadeira n.º 7, patronímica de CASTRO ALVES. Assegurou-lhe, ainda nesse ano – 20 de novembro – a posse no Instituto Histórico e Geográfico.

E foi chamado de "encapoeirado livro"...

A opinião dos leitores, entretanto, seria diferente. Fora atirado ao público isento de elogio, sem prefácio encomendado e desacompanhado de referências em artigos previamente preparados. *"Não lhe dei nem prefácio, nem paraninfo, que o apresentasse à minha terra. Quis aparecer só, absolutamente isolado na grande fraqueza do meu nome obscuro diante dos que compartilharam aquela luta"*, argumentou ele.

Seis mil exemplares esgotam-se em dois anos e rapidamente Euclides "subiu por eletricidade ao apogeu da fama literária; no país, o primeiro escritor do seu tempo", asserta LIBERATO BITTENCOURT⁶³.

Atente-se que aquelas belíssimas páginas nasceram de um intelectual sem acesso a bibliotecas para consultas; sem o conforto e o silêncio de uma sala de estudos, privado de máquina para datilografar suas produções. Hoje é considerado, num juízo hiperbólico de MÁRIO R. MARTINS, a bíblia da nacionalidade⁶⁴.

Não chegamos a tanto. Preferimos apontar *Os Sertões* como o desafio literário do século XX⁶⁵.

⁶³ *Crítica e Filosofia*, ob. cit., p. 311.

⁶⁴ Ob. cit., p. 321.

⁶⁵ V. Edmo Rodrigues Lutterbach, *O Fluminense*, Niterói, 31-12-1963.

É o grande escolho da arte da descritiva no exame de SILVIO ROMERO⁶⁶, exatidão e relevo, naturalismo e brilho, consistência e colorido, poesia e verdade.

Acrescente-se que, além do desconforto em que se encontrava, para escrever, numa barraca próxima ao local de reerguimento da ponte, era obrigado a carregar os livros consultados, amarrados em forma de embrulhos, quando viajava de trem, a cavalo, em lombo de burro, o que por ele é comunicado aos amigos.

É como transportava Carlyle, Shakespeare, Taine, Bucke, Renan, Comte, Spencer, Spinoza, Kant, Roscelino, Durkheim, Santo Tomaz de Aquino, Gumpowicz – de quem se dizia discípulo – Poincaré – por ele considerado "a mais pura das glórias científicas da França"⁶⁷ e o constitucionalista pátrio João Barbalho.

⁶⁶ *Discursos Acadêmicos*, Civilização Brasileira, S.A., 1934, vol. I, p. 306.

⁶⁷ V. a prova didática para provimento da Cadeira de Lógica do então Ginásio Nacional, sob o tema "A IDÉIA DO SER", in

A IMPRESSÃO DOS INTELLECTUAIS E O SOERGUIMENTO DOS ESTUDOS NO BRASIL

Publicado *Os Sertões*, como toda obra de alcance, o livro sofreu retoques e por isso as catilinárias contra o escoreito estilista não tardaram. O publicista não está seguro de si, vociferavam os censores, porque inúmeras são as corrigendas.

A crítica não procede. É usual, entre os grandes escritores, esse cuidado extremado, principalmente em Euclides, rigoroso na escolha paciente e cuidadosa do vocábulo adequado à expressão dos conceitos, juízos e raciocínios, no depoimento de ARMANDO ERSE⁶⁸.

Não há um escritor zeloso que escreva e não corrija o que redigiu, aperfeiçoando, limando,

Revista Brasileira de Filosofia, do Instituto Brasileiro de Filosofia, São Paulo, vol. IX, fasc. III, julho-agosto-setembro de 1959, p. 411.

⁶⁸ Apud Modesto de Abreu, ob. cit. p. 60.

polindo; como exemplo recordamos CHATEAUBRIAND que, segundo M. de POLIGNAC⁶⁹, não podia ficar tranquilo diante de uma folha de papel em branco e seguidamente escrevia por espaço de dez, doze e quinze horas, não deixando uma só página sem retoque.

Na minha mocidade – dizia CHATEAUBRIAND – escrevi muitas vezes doze e quinze horas sem deixar a mesa onde me achava sentado, riscando e recomeçando dez vezes a mesma página. Nem a idade me fez perder este hábito.

É bom lembrar que o famoso escritor refez vinte vezes o discurso de recepção na Academia Francesa; e não chegou a pronunciá-lo.

Também VICTOR HUGO, outro gênio imenso, enriquecido de todas as condições que soem formar o escritor modelo, possuindo, além

⁶⁹ Apud Laudelino Freire, Rui, *Subsídios Para o Estudo de sua Vida e Obra*, Casa de Rui Barbosa, 1958, p. 50.

disto, a alta consciência do artista, não se desdenhava de alterar, riscar, retocar, refazer, limar e aperfeiçoar quanto escrevia⁷⁰.

Euclides da Cunha, com toda aquela visão oceânica, não prevê o triunfo de sua obra, preparada nos momentos furtados à engenharia, sob as batidas dos martelos, o som seco das marretas e os ruídos indistintos do concreto em composição. E ainda se dedicava à literatura. Parecia não estar satisfeito com a profissão que abraçara, "a engenharia fatigada e errante", escreve a José Veríssimo⁷¹; "profissão errante", comenta a Coelho Neto⁷²; "triste ofício de engenheiro", "profissão ingrata que me desvia tanto dos estudos prediletos", confia a Max Fleiuss⁷³ "pobre engenharia" e "carreira fatigante", narra a Vicente de Carvalho⁷⁴; "engenharia rude, engenharia

⁷⁰ Laudelino de Oliveira Freire, ob. cit. p. 50.

⁷¹ Apud Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha a seus Amigos*, ob. cit. p. 99.

⁷² *Livro de Prata*, ob. cit. p. 213.

⁷³ V. Dom Casmurro, *Euclides da Cunha*, rev. cit.

⁷⁴ Apud Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha a seus Amigos*, ob. cit. p. 123.

andante, romanesca e estéril", diz em carta a Lúcio de Mendonça⁷⁵.

Na primeira oportunidade, deixaria a profissão: "Eu creio, porém, que sairei breve desse desvio morto da engenharia, sem descarrilar; aproveitarei o primeiro triângulo de reversão que aparecer, e avançarei na minha verdadeira estrada", previne a ARARIPE JÚNIOR⁷⁶.

Malgrado as afirmações, foi em pleno exercício dessa menosprezada engenharia que ele produziu um livro corajoso, uma epopeia em prosa, define AFRANIO COUTINHO⁷⁷, em cujo estilo guarda densidades cósmicas, no entender de AFRANIO PEIXOTO⁷⁸, o catecismo dos intelectuais, acrescentaríamos. Nele o arauto de Castro Alves, o

⁷⁵ Apud Umberto Peregrino, *Vocação de Euclides da Cunha*, Departamento de Imprensa Nacional, 1955, p. 39.

⁷⁶ Apud Sylvio Rabelo, *Euclides da Cunha*, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1948, p. 241.

⁷⁷ *Euclides, Capistrano e Araripe*, Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 7.

⁷⁸ Apud Roberto Lyra, *Criminologia*, Companhia Editora Forense, 1964, p. 123.

*poeta e o poema*⁷⁹, sentiu um sopro épico de borrasca e cataclisma.

OLIVEIRA LIMA declara havê-lo lido, não de um trago, mas de muitos tragos, porque não é muito fácil a absorção daquele licor acre e inebriante⁸⁰. Achou o livro vulcânico, isto é, impetuoso e explosivo, talvez influenciado pela sugestão do meio, pois recebeu-o no Japão, quando veraneava perto do vulcão fumegante de Asamayana⁸¹.

Livro que mais tarde seria traduzido para diversos idiomas, superando os até então publicados e que reavivou os estudos no início deste século, pois andávamos num período de estagnação literária, AFRÂNIO PEIXOTO enuncia⁸², provocando pronunciamento da elite cultural.

⁷⁹ Afrânio Peixoto, Livraria Aillaude Bertrand, Paris-Lisboa, 1922.

⁸⁰ Apud Francisco Venâncio Filho, *Rio Branco e Euclides da Cunha*, Ministério das Relações Exteriores, 1946, p. 15.

⁸¹ V. Manoel de Oliveira Lima, *Euclides da Cunha (impressões pessoais)*, in *Por Protesto e adoração*.

⁸² *Poeira da Estrada*, W. M. Jackson Inc. Editores, 1947, p. 29.

Literariamente, diz TRISTÃO DE ATAIDE⁸³, vinha revelar o erro do esquecimento em que jazia a massa dos homens brasileiros e dar aos vindouros um exemplo de originalidade.

JOSÉ VERÍSSIMO, que na confiança de SILVIO RABELO⁸⁴, era, ao tempo da publicação de *Os Sertões*, o crítico literário que mais alto punha a missão disciplinadora da crítica, observara que, por tantos títulos notável, é, ao mesmo tempo, um livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo, de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador.

Foi JOSÉ VERÍSSIMO quem descobriu o novelista em Euclides da Cunha. "O primeiro a enxergar a força dominadora do elemento romanesco no autor que se inaugurava naquele 1902, mal *Os Sertões* se lançara a uma carreira

⁸³ Apud Silvio Rabelo, ob. cit. p. 248.

⁸⁴ *Euclides da Cunha*, ob. cit. p. 236.

vertiginosa, de êxito instantâneo, absoluto, sufocante"⁸⁵, pensa JUARES DA GAMA BATISTA.

O que Euclides revelou, com sua interpretação sociológica de Canudos – tem a palavra AMOROSO LIMA – foi que a *Tróia sertaneja* era também um símbolo. Como ele próprio se tornaria um símbolo, o símbolo da vertente nacional de nossa vocação histórica⁸⁶.

Sociólogo também viu nele o Catedrático de Direito Penal ROBERTO LYRA, acrescentando, em conferência, *Euclides da Cunha e a Sociologia Criminal*⁸⁷, que se a Sociologia Criminal comporta o sentido amplo de Ferri, abrangendo o ramo bio-sociológico e o ramo jurídico, não basta dizer que Euclides foi um criminologista. Cabe-lhe o título de criador de nossa Sociologia Criminal, que com ele

⁸⁵ *O real como ficção em Euclides da Cunha*, Imprensa Universitária, João Pessoa, Paraíba, 1967, p. 3.

⁸⁶ *Meio Século de Presença Literária*, Livraria José Olympio Editora, 1960, p. 227.

⁸⁷ In Separata da *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, ob. cit.

surgiu e ainda espera continuadores menos restritos e superficiais.

Euclides da Cunha foi até Promotor de Justiça.

Até Promotor Público, no sentido mais formidável que essa função poderia comportar. O maior dos Promotores, sustenta o edificador da *Expressão mais simples do Direito Penal*⁸⁸, porque denunciou os crimes de uma nacionalidade. E adverte posteriormente: denunciou, provou e julgou crimes, não nos limites convencionais da Justiça Oficial, mas num foro mais alto: o da consciência humana a que ele dirigiu os seus libelos contra as loucuras e os crimes da nacionalidade⁸⁹.

OUTROS TESTEMUNHOS A RESPEITO DA OBRA DE ALTO VALOR

⁸⁸ Roberto Lyra, Euclides da Cunha Criminologista, Oficinas Gráficas *O Globo*, 1936.

⁸⁹ In Separata da *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, ob. cit.

É ocasião de reproduzir outros depoimentos a respeito do primeiro lançamento de Euclides.

O "paladino do Direito, defensor da Virtude, Campeão da Verdade, guarda da Justiça, Lidador da Fé"⁹⁰, RUY BARBOSA, no Senado da República discursando sobre a concessão de estado de sítio em Mato Grosso, a 13 de julho de 1906⁹¹, alertava os parlamentares: "O Senado vai ouvir, escrito pela pena de uma testemunha insuspeita, um livro de alto valor"... Abre *Os Sertões* e lê o que retrata Euclides na Concentração de Queimadas.⁹²

Os Sertões, na lista dos grandes livros da literatura brasileira – cedamos a palavra ao Acadêmico ELMANO CARDIN⁹³ – serão sempre uma obra atual, cujas páginas levam apenas o leitor para um passado remoto, no qual se situam no seu imediatismo os trágicos episódios de uma luta entre

⁹⁰ Laudelino Freire, *Estante Clássica*, Typo-Litho R. Röhe, Rio, 1920, vol. 1, p. 7.

⁹¹ *Obras Completas de Rui Barbosa*, Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1958, vol. XXXIII, Tomo I, p. 48.

⁹² 2.a edição, p. 370.

⁹³ *Vidas Gloriosas* - Livraria São José, Rio de Janeiro, p. 124.

fanáticos e autoridades, mas antes o atraem para os fenômenos que superavam os acontecimentos, ultrapassando-os, e sobre os quais o autor, com a clarividência do seu gênio, procurava despertar a consciência nacional a fazer com que a guerra de Canudos levasse os dirigentes do país a enfrentar e resolver os problemas a ela atinentes e que o escritor desvendava.

Escreveu bem porque bem interpretou. Leia-se a conferência no Centro Acadêmico Onze de Agosto, dedicada a Antônio Frederico de Castro Alves – e observe-se a referência ao "filósofo complicado", de braços com o "burguês simplesmente cauteloso e solerte"⁹⁴, Augusto Comte e Simão de Nantua:

⁹⁴ Trinta e três anos antes de Euclides, ou seja, em 1874, seu pai Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, em Cantagalo, escreveu *A morte de Castro Alves*:

"A sombra do cipreste ele repousa!
E a brisa que perpassa em torno à lousa
Murmura o nome seu!...
Poeta – despertou cantando amores,
Criança ao vicejar da vida as flores
Sorrindo adormeceu!...

Oh! deixai-a na paz dessa ventura...
Ele que foi do berço à sepultura

"Nesta vida, em qualquer dos rumos percorridos, quer nas pesquisas da ciência, quer na contemplação artística, quer nos inumeráveis aspectos da ordem prática, devemos submeter a nossa imaginação à nossa observação, porém, de modo que esta não anule aquela"⁹⁵

É observador atento e seguramente informado, como vemos; espírito prevenido, técnico

Tão cercado de luz!
Deixai o sonhador que em doce calma
Foi tranquilo depor as flores d'alma
Nos braços de uma cruz!

Águia – um dia arrojada lá da altura,
Viu o mundo através da névoa escura,
De negra cerração.
Voltejou, por instantes, sobre a terra, soprou-lhe o vendaval, que a morte
| encerra,
Perdeu-se no bulcão!

Raio de luz na sombra do mistério,
Semelhou no clarão lúzeiro etéreo
Que cedo se apagou!
Inspirado cantor, nos sonhos d'alma
Viu a glória – tecer do gênio a palma
Que a fronte lhe adornou.

É moço!... no verdor dessa esperança
Em fria sepultura eis que descansa
Seu crânio de vulcão!...
E... poeta – expirou cantando amores,
Com o cisne a morrer, que envia às flores
A última canção!

(*Dom Casmurro*, número especial de aniversário, p. 16).

⁹⁵ Euclides da Cunha, *Castro Alves e seu tempo*, *Imprensa Nacional*, 1907, p. 30.

e superiormente eloquente. A célebre passagem no banquete oferecido pelos peruanos aos chefes das expedições de estudos do Rio Purus, narrado pelo próprio⁹⁶ é um exemplo. Outro, o discurso de saudação a um dos sete sábios da Conferência da Paz, Ruy Barbosa, em 30 de dezembro de 1907, quando este retornava de Haia. Euclides, incumbido por Rio Branco, dá as boas-vindas à Águia, pelo Itamarati e, vendo em Ruy Barbosa "o plenipotenciário da América Latina", o "deputado do continente", pondera que "era preciso abrir-se um período de síntese em que se entrechocassem os efeitos de vinte séculos de cultura".

"Naquela ocasião – assegura ao Delegado brasileiro – não éreis o representante de uma nacionalidade, não éreis um satélite; éreis um sistema, até falando astronomicamente, porque arrastáveis convosco uma constelação de países". E proclamava: "*o seu aparecimento é tão lógico, tão*

⁹⁶ Euclides da Cunha, *A minha pátria é retilínea e alta como as palmeiras*, in *Euclides*, Revista editada pelo *Jornal de Ala*, da Bahia, n.º 12, agosto de 1940, pp. 223/224.

geométrico, como a resultante de um paralelogramo de forças".

O titã de eloquência, emocionado, ao agradecer, externa aos presentes: A oração que acabais de ouvir foi um poema de história, de eloquência e de filosofia. A resposta precisaria de reflexão, que não podia ser feita de momento⁹⁷.

Como se alcança, Euclides não só escreve com polidez como fala no mesmo tom. É de uma prosa hirsuta, grandiosa e solene, aduz LÚCIA MIGUEL PEREIRA⁹⁸. Não plagia, não repete. Gosta, sim, de adjetivar; ressuscita arcaísmos, cria neologismos, vale-se de estrangeirismos, desloca adjetivos para maior efeito sonoro, salienta JOAO ETIENNE FILHO⁹⁹.

⁹⁷ *Obras Completas de Rui Barbosa*, Ministério da Educação e Cultura, vol. XXXIV, Tomo I, pp. 181 e 183.

⁹⁸ *História da Literatura Brasileira*, direção de Álvaro Lins, Livraria José Olympio Editora, vol. XII, p. 180.

⁹⁹ *Euclides da Cunha trechos escolhidos*, Livraria Agir Editora, 1961, n.º 54, p. 12.

Recorre a expediente incomum para realçar o texto. Mas o poder de sua frase corre por conta da adoção de recursos de natureza mais tipicamente literária: a utilização dos valores sônicos idênticos, de base consonantal ou vocálico; o emprego da reduplicação vocabular; o uso da antítese continuada; o apelo à hipérbole, ao paradoxo, ao oximoro, sobretudo à sua tendência incoercível para jogar com os adjetivos ou transformar tudo em adjetivos ou a quase tudo dar função qualificadora¹⁰⁰ ou "orquestral"¹⁰¹.

Procurava forma para emocionar o leitor, buscando palavras de sons sibilantes repetidos, ganhando música a frase, disserta GLYCON DE PAIVA¹⁰²; e justifica, reproduzindo pequeno trecho extraído da página 28 do livro examinado:

¹⁰⁰ V. *A Literatura no Brasil*, direção de Afrânio Coutinho, Livraria São José, vol. III, Tomo I, p. 300.

¹⁰¹ Henrique Castrioto, in *Revista da Academia Fluminense de Letras*, vol. I, p. 139.

¹⁰² In *Revista Brasileira de Cultura*, n.º 20, do Ministério da Educação e Cultura e Conselho Federal de Cultura, 1974, p. 20.

"Incendeiam-se as acendalhas de sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas".

Para o articulista, *Os Sertões* parecem uma catedral gótica; cada detalhe, por mais insignificante, reponta em alto relevo.

O estilo de Euclides, inimitável, um pouco rebuscado, parece mesmo ser aquele cipoal que machucava a sensibilidade europeia de NABUCO; estilo sofrido, retorcido e ressequido, castigado e torturado, genialmente fatigante, expressa-se MARCOS ALMIR MADEIRA¹⁰³. Através das suas frases, interfere PLÍNIO BARRETO, “retesadas por um pensamento vibrante, ferem os olhos as fulgurações de um espírito à caça de imagens que abrem sulcos nas inteligências e de pensamentos que as fecundam”¹⁰⁴.

¹⁰³ Compreensão de Euclides da Cunha, Separata do vol. II da *Revista da Academia Fluminense de Letras*.

¹⁰⁴ *Páginas Avulsas*, Livraria José Olympio Editora, 1958, p. 119.

Aparteia o criador de *Evolução da Prosa Brasileira*¹⁰⁵ para fazer sentir que no estilo de Euclides, adjetivo reina com esplendor de sátrapa, mas o substantivo é que, na realidade, governa.

Teria sido um esbanjador de adjetivos, indagamos?

No seu diserto e sóbrio discurso na recepção da Academia Brasileira – é opinião de JOSÉ QUINTELA – na *Revista Euclides*¹⁰⁶ – o perfulgente e tracejador de *Contrastes e Confrontos* usa de seiscentos e oitenta adjetivos, sendo quatrocentos e cinquenta e cinco diferentes, bisando somente duzentos e vinte e cinco e repetindo maior número de vezes, nessa primorosa e vibrante peça literária de cinco mil palavras, apenas dezenove adjetivos.

Talvez tivesse o relator de "MARTIN GARCIA" o mesmo pensamento de Camilo. "A ciência do

¹⁰⁵ Agrippino Grieco, ob. cit. pág. 285.

¹⁰⁶ A adjetivação em Euclides da Cunha, in *Revista Euclides*, n.º 12, cit. p. 187.

adjetivo é o mais relevante dote do escritor elegante".

Como TÁCITO, disseram alguns, Euclides traz na alma o peculiar estilo que lhe distingue a retórica. Sente como TÁCITO, e exprimindo-nos o que sente, não narra, não descreve, pinta.

Examinando a personalidade do cantagalense, o artifice de *Máscaras e Retratos*¹⁰⁷, renomado sociólogo FERNANDO DE AZEVEDO, explica que Euclides escreve, num estilo sacudido e torturado, mas com uma clareza implacável que não exclui nem o vigor da análise, nem a acuidade de vistas, nem a lucidez das observações, nem a profundidade do pensamento, nem a complexidade, as flutuações e o conflito de sentimento.

AFRANIO PEIXOTO, seu admirador e amigo, desde o dia em que o conheceu até à data em que o necropsiou (quem lhe retirou o cérebro de um quilo

¹⁰⁷ Edições Melhoramentos, vol. V das *Obras Completas*, 2. ed. 1962, p. 169.

e quinhentos e quinze gramas), auxiliado por DIOGENES SAMPAIO, AFRÂNIO PEIXOTO, repetimos, "que teve a obrigação funcional de eviscerar, na qualidade de médico legista, o cadáver daquele gigante da literatura nacional, que caíra abruptamente da própria amplitude, como se fora um condor que tombasse do céu ferido de morte"¹⁰⁸, no discurso na Academia Brasileira de Letras, vai além: Euclides esqueceu sempre a finalidade da palavra escrita e o destino exato dos livros... Pode-se mesmo dizer que os escreveu para si ... Retratou-se para nele se rever...Não cuidou de nós¹⁰⁹.

A previsão de E. ROQUETE PINTO não foi exagerada: "Percorro toda a nossa história literária e penso que *Os Sertões* serão, para o Brasil, o grande livro nacional; o que *D. Quixote* é para a Espanha e *Os Lusíadas* para Portugal; o livro em que a raça encontra a floração das suas qualidades,

¹⁰⁸ *Poeira da Estrada*, ob. cit. p. 32

¹⁰⁹ Alves de Menezes, Um laudo histórico (A necropsia de Euclides da Cunha feita por Afrânio Peixoto), *Revista do Instituto Médico Legal do Estado da Guanabara*, ano IV, vol. III, Impressora Brasileira Ltda., p. 23.

o espinheiral dos seus defeitos, tudo o que, em suma, é sombra ou luz na vida dos povos”¹¹⁰.

Euclides, um sociólogo sem cátedra, no reconhecimento do aristarco AGRIPPINO GRIECO, enriqueceu o Brasil com um livro cheio de germes, cheio de perspectivas, para a nossa vitória no mundo da cultura¹¹¹, livro "que tão larga porta abriu nos espíritos e que se tornou um miradouro de onde se olhava para dentro do Brasil"¹¹².

TRADUÇÃO DA OBRA E DIFICULDADES SURGIDAS

A obra mencionada, anos depois, é traduzida para o espanhol, dinamarquês, inglês, alemão, francês, sueco, italiano e chinês.

¹¹⁰ *Ensaio Brasileiro*, Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol. 190, p. 138.

¹¹¹ Ob. cit. p. 161.

¹¹² Gilberto Amado, *Minha Formação no Recife*, Liv. José Olympio, 1958, p. 58.

BENJAMIN DE GARAY, embora o considerasse um livro intraduzível, rebeldemente intraduzível, como nos narra RENATO DE MENDONÇA¹¹³, verte-o ao espanhol, sob o título *Los Sertones*. Para o dinamarquês, a tradução é feita por RICHAR WAGNER HANSEN, *Oproret Paa Hojsletten*; passa-o ao inglês SAMUEL PUTNAM, com a denominação de *Rebellion in the Backlands*. Este intérprete, ao prefaciá-lo, declara ser um trabalho único, não só no Brasil, como na literatura do mundo¹¹⁴.

O Professor KARL SCHWARZENBACH¹¹⁵ torna-o conhecido em alemão, *Die Sertões*; o insigne tradutor enuncia que em Euclides ele vê o protótipo do historiador humano, considerando o capítulo "O

¹¹³ *Retrato da Terra e da Gente*, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional de Livro, 1959, p. 120.

¹¹⁴ Apud Sra. Leandro Dupré, Euclides – Marco Literário, in *Comemorações Euclidianas*, Ind. Gráficas José Magalhães Ltda., S. Paulo, 1946, p. 21.

¹¹⁵ N.E. Há traduções ao alemão mais recentes, feitas pelo Professor Bertold Zili.

Homem", uma obra-prima da literatura mundial¹¹⁶. A Euclides, chama de mestre singularmente original, que não teve paralelo na literatura alemã, sob algum aspecto.

Na versão para o francês, SERETH NEU consome dois anos, dois meses e duas semanas: de 30 de junho de 1942 a 15 de setembro de 1944. A primeira dificuldade foi encontrar título adequado, pois a expressão *Os Sertões* não tem equivalente na língua francesa. Intitula-a. por isso mesmo, *Les terres de Canudos*, atendendo inclusive, que o autor da obra se refere muito a Canudos como o palco dos acontecimentos¹¹⁷.

Traslada-o ao sueco o atilado THOMAZ WERBURTON, com o título *Markerna brinna*. Ao italiano, CORNELIO BISELLO, *Brasile Ignoto*; ao

¹¹⁶ "A impressão que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão", in *Comemorações Euclidianas*, Editora Guanumby, S. Paulo, 1947, pp. 51/52.

¹¹⁷ V. *Comemorações Euclidianas*, Edit. Guanumby, ob. cit. p. 67.

chinês, PEI CHIN, e ao holandês, M. de JONG, *De Binnenlanden*.

* * *

E assim, senhores, reavivamos algumas referências ao "encapoeirado livro".

Não apontaremos mais críticas. Paremos em ARARIPE JUNIOR que concluiu, em artigo no *Jornal do Commercio*: Criticar esse trabalho não é mais possível. A emoção por ele produzida neutralizou a função da crítica. E, de fato, ponderando depois calmamente o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os Sertões* são um livro admirável que encontrará muito poucos que o emparelhem – único no seu gênero, se atender-se a que reúne uma forma artística superior e original, uma elevação histórico-filosófica impressionante e um talento épico dramático, um gênio trágico como muito dificilmente se nos deparará em outro psicologista nacional¹¹⁸.

¹¹⁸ Apud Silvio Rabelo, ob. cit. p. 239.

O triunfo da obra obriga-o a candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, foi dito. Ninguém, depois de Camões, na língua portuguesa, conseguirá alçar-se tanto com um só livro, julga ALBERTO LAMEGO FILHO¹¹⁹.

* * *

Concorre Euclides com Domingos Olímpio, Gurgel do Amaral e Xavier Marques; obtém 22 sufrágios, enquanto o segundo conquista 4 votos, GURGEL DO AMARAL 2 e 1, XAVIER MARQUES.

Quereis saber de quem os sufrágios? De Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Rio Branco, Raymundo Correa, Salvador de Mendonça, Oliveira Lima, Afonso Arinos, Sylvio Romero, Inglês de Souza, José Veríssimo, João Ribeiro, Silva Ramos, Arthur Azevedo, Luiz Murat, Barão de Loreto, Graça

¹¹⁹ Conferência no "Centro Literário Euclides da Cunha", Jornal cit.

Aranha, Coelho Neto, Clóvis Beviláqua, Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque e Garcia Redondo.

Eleito a 21 de setembro de 1903, aos trinta e sete anos, "não sei de nenhum outro mais elevado" – escreve a Machado de Assis, abriu um desvio na sua "engenharia obscura"¹²⁰.

Três anos mais tarde, após retornar do Amazonas, aonde fora chefiando a expedição de reconhecimento do Alto Purus e estivera fazendo versos nas horas de folga para combater a velha tristeza atávica de índio sem taba e sem tribo, atalha AGRIPPINO GRIECO¹²¹, empossa-se na Cadeira n.º 7, que tem por patrono CASTRO ALVES, a 24 de dezembro de 1906. É saudado pelo vibrante SILVIO ROMERO.

Naquela Casa da Cultura ocupou a primeira Secretaria, presidindo, algumas vezes, reuniões semanais.

¹²⁰ Apud Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha e Seus Amigos*, ob. cit. p. 108.

¹²¹ *Poetas e Prosadores do Brasil*, ob. cit. p. 161.

Em 1909, o então acadêmico, incentivado por COELHO NETO e AFRANIO PEIXOTO, candidata-se à Cadeira de Lógica do Ginásio Nacional, futuro Colégio Pedro II. Com ele inscrevem-se quinze candidatos, submetendo-se a exames somente cinco: Monsenhor Rangel, Farias Brito, Roberto Gomes, Graciano das Neves e Ribeiro de Almeida.

A Comissão examinadora compõe-se de Raja Gabágia, Rodolfo Paula Lopes e Paulo de Frontim¹²². Euclides obtém o segundo lugar no concurso, cabendo o primeiro a Farias Brito.

Por ocasião das provas, ocorre a morte do presidente AFONSO PENA e NILO PEÇANHA assume o governo. Facultado a este a escolha, de acordo com o artigo 104 do Decreto 3.890 – Código de Ensino da época – surge a vacilação e Euclides, percebendo a dúvida do Chefe de Estado, manifesta

¹²² V. Jonatas Serrano, *Farias Brito, o Homem e a Obra*, Brasileira, vol. 177, p. 193.

o desejo de desistir, mas Coelho Neto o demove do desígnio.

A 17 de julho, porém, é lavrada a nomeação e quatro dias após, Escragnole Dória passa-lhe a Cadeira que iria reger; daria somente dez aulas até 13 de agosto.

No dia 15 desse mês, "o prosador agitado", qualificativo de OTTO MARIA CARPEAUX na volumosa *História da Literatura Ocidental*¹²³, o homem que ouvira o medonho sibilar das balas na Campanha de Canudos, como deixou relatado, foi atingido por outras, saídas da arma de um concidadão das fileiras do Exército a que ele havia servido. Era o ponto final de sua existência.

Expirou, desse modo, o "festejado escritor", aludiu RIO BRANCO no discurso da sessão magna comemorativa do 71º aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 21 de outubro

¹²³ Edições "O Cruzeiro", vol. VI, p. 2872.

de 1909¹²⁴, o intrépido explorador do Alto Purus – Euclides da Cunha – que tanto prometia enriquecer ainda a nossa literatura, homem de dedicado pundonor que sempre foi e cuja pureza de sentimentos e alto valor intelectual pude conhecer de perto nos breves anos de convivência, em que me coube a fortuna de o ter por companheiro de estudos, de trabalhos e de esperanças patrióticas

O Deputado COELHO NETO é chamado apressadamente à Estrada Real de Santa Cruz, n.º 214, para certificar-se do consternador episódio e de lá retorna contristado. No dia imediato, traduz, na Câmara, sua forte emoção, ao encontrar, sobre uma cama de ferro, coberto por um lençol enxovalhado, o cadáver do amigo. Ante uma casa de aspecto miserável – descreve o parlamentar¹²⁵ – pareceu-me, de improviso, que eu estava entrando, páginas a dentro, pela obra do grande mestre grego,

¹²⁴ *Obras do Barão do Rio Branco*, Ministério das Relações Exteriores, Imprensa Nacional, Rio, 1948, vol. IX, p. 228.

¹²⁵ In *Revista do Livro*, Órgão do Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, ano IV, setembro de 1959, p. 178.

tendo à frente de meus olhos o episódio de Atridas; era, francamente, um trecho de Orestia, tal a grandeza da tragédia.

Amplia o discurso com episódios comoventes, já oscilante a palavra, deixando transparecer o enfraquecimento de sua alma; e sentindo faltar-lhes as expressões, exortava que o Brasil acompanhasse o grande espírito de Euclides da Cunha, como o povo de Israel acompanhava a Ascensão dos anjos – visitantes, de olhos levantados para o céu – primeiramente para o céu da história, depois para o Céu de Deus, em que há de ficar perenemente vivo o espírito que residiu no corpo do homem mártir que desapareceu.

É com grande saudade – arrematava – é com uma grande saudade que eu, amigo de Euclides da Cunha, falo à Câmara dos Deputados; é com grande pesar que eu, brasileiro, me refiro a este nome; é com uma gratidão de sertanejo, com a minha alma de filho das terras interiores deste país, que agradeço àquele beneficiador dos simples, o livro

primoroso, que veio mostrar à nossa pátria que lá dentro, nessas grandes terras, há uma raça forte: a dos trabalhadores, dos sofredores, dos que plantam e colhem, dos que vão à peleja, dos que vão explorar as regiões maninhas do norte; a raça que integra o patrimônio do Brasil, a raça do caboclo, que tem naquele livro o seu grande poema de reivindicação de direitos, que tem naquela obra o protesto contra o esquecimento do sul, protesto em que ele pede alguma coisa, uma parte do amor a quem tem direito, como filho, que é, desta terra, protesto que ele foi achar na pena desse homem, nascido no Estado do Rio, e que tanto amava as regiões do norte porque era o poeta da simplicidade, da saudade, da natureza, e, principalmente, o poeta dos humildes.

* * *

Como o autor de *Turbilhão*, nós, com o nosso espírito de brasileiro, com a nossa sensibilidade de fluminense, com a nossa formação sentimental de filho da mesma Pátria, do mesmo Estado, do mesmo

Município, do mesmo Distrito e da mesma Fazenda de Euclides da Cunha, nós também reconhecemos a importância da obra desse conterrâneo genial, original e destemido como obra insuperável, recomendável às gerações futuras, motivo por que a chamamos de desafio literário deste século.

Com a morte de Euclides, o mais brasileiro de todos os escritores – julga-o FERNANDO AZEVEDO¹²⁶, a Nação cobriu-se de luto. São decorridos setenta e quatro anos e sua ausência é comentada. A Fazenda da Saudade ficou na história e Cantagalo, que tivera seu nome destacado nos Anais da Medicina, graças à inteligência de outro grande filho, EDUARDO CHAPOT PREVOST, com a decantada operação das xifópagas, primeira realizada em todo o mundo, registrado na literatura médica universal.

Declara JONAS CORREIA, na introdução ao livro de Macedo Soares, *Guerra de Canudos*¹²⁷, que

¹²⁶ *Máscaras e Retratos*, ob. cit. p. 165.

¹²⁷ *A Guerra de Canudos*, Biblioteca do Exército Editora, 1959, p. VI.

a desgraça que eliminou Euclides atingiu o espírito nacional.

Podemos agora atribuir a Euclides Pimenta da Cunha, o que ele reconheceu em Castro Alves, na fulgente conferência no Centro Acadêmico Onze de Agosto¹²⁸: Seu nome "é uma glória que intermite no ritmo das gerações sucessivas. Tem este traço expressivo: adormenta-se, ou restringe-se, no breve curso da nossa vida individual, e prolonga-se sem fim, restaurada de ano a ano, sempre maior, nascendo, ressurgindo e avultando, no nascer, no ressurgir e no avultar na própria sociedade. É como a luz, perpetuamente moça. Não dura a vida de um homem e é eterna".

¹²⁸ *Castro Alves e seu tempo*, ob. cit. p. 5.

EUCLIDES, CÉREBRO CANTAGALENSE

Nas páginas adiante,
após os nomes das
personalidades, o discurso de
EDMO RODRIGUES
LUTTERBACH, Presidente da
Academia Fluminense de
Letras, por ocasião da chegada
do cérebro de Euclides da
Cunha a Cantagalo, em 10 de
setembro de 1983.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA MUNICIPAL DE CANTAGALO

Ofício n.o 178/83.¹²⁹

Cantagalo (RJ), 30 de agosto de 1983.

SENHOR PRESIDENTE:

No momento em que tenho a honra de, como chefe do Poder Executivo Municipal, receber o cérebro do imortal cantagalense Euclides da Cunha, um nome tomou-me a mente para falar em nome do Prefeito: Edmo Rodrigues Lutterbach, que, como Euclides, consegue, na atualidade, elevar o nome de nossa terra.

Na certeza de vossa aquiescência, subscrevo-me atenciosamente.

Nilo Guzzo Prefeito Municipal

AO

EXMO. SR. ACADÊMICO

DR. EDMO RODRIGUES LUTTERBACH

DD. PRESIDENTE DA ACADEMIA FLUMINENSE
DE LETRAS

NITERÓI - RJ

¹²⁹ N.E. reprodução do ofício da Prefeitura Municipal de Cantagalo ao Presidente da AFL, convidando-o a discursar por ocasião da chegada do cérebro de Euclides da Cunha em Cantagalo, na Casa de Euclides da Cunha.

Personalidades presentes à chegada do cérebro de EUCLIDES DA CUNHA a Cantagalo, no dia 10 de setembro de 1983:

Sr. Nilo Guzzo, Prefeito do Município; Dr. Luís Fernando de Carvalho, Juiz de Direito da Comarca; Sr. Desidério Naegele Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal; Dr. Carlos de Araujo Lima, Advogado, representante do Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil; Profa. Fany Pinheiro Teixeira Abrahin, Diretora da Casa de Euclides da Cunha; Prof. Marcelo de Ipanema, Presidente do Instituto Histórico de Niterói; Prof. Antônio Vitiello, Vice-Presidente da Academia Friburguense de Letras; Profa. Cybelle de Ipanema, representante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Sr. Oswaldo Galotti, Presidente do Centro de Estudos Euclidianos de São Paulo; Prof. Márcio José Lauria, Presidente do Grêmio Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo; Dr. Celso Abib Jappor, Procurador Regional do Estado; Capitão de Mar-e-Guerra René Pacheco,

Diretor do Sanatório Naval de Nova Friburgo; Tenente Luzard Maciel de Souza, Delegado da Junta do Serviço Militar de Cantagalo; Pe. Luiz Gonzaga Pedroso Galvão, 2º Tenente Capelão-Naval do Sanatório de Nova Friburgo; Dr. Mário Figueiredo, da Ordem dos Advogados, seção do Rio de Janeiro; Dr. Antônio José Pires da Rocha, Juiz de Direito da Comarca de Nova Friburgo; Prof. Adelino Brandão, Membro da Comissão de Cultura do Município de Jundiaí (SP) e do Ciclo de Estudos Euclidianos da Casa de Cultura "Euclides da Cunha" de São José do Rio Pardo; Profa. Suzana B. Catalano Pires, da Secretaria de Cultura de Campinas; Prof. Evandro Moreira, Diretor do CNEC; Sr. Benedito Coube de Carvalho, Prefeito do Município de Bom Jardim; Sr. Pedro Rodrigues Gomes, Prefeito Municipal de Sumidouro; Sr. João de Moraes de Souza, Prefeito Municipal de Trajano de Moraes; Sr. José Ramon da Silva Lessa, Prefeito do Município de Itaocara; Sr. Jarbas Mendes de Oliveira, representante do Prefeito Municipal de São Fidélis; Sr. Humberto B. Júnior, Vice-Prefeito do Município de Bom Jardim; Sr. Ely Silvestre

Emerick, Presidente da Câmara Municipal de Bom Jardim; Dr. Marlo Fabiano Seixas, representante da Academia Madalenense de Letras; Profa. Roseli D. de Mello Tozatto, Diretora do Centro Regional de Educação de Nova Friburgo; Profa. Heloisa Brandão, Gerente de Assuntos Comunitários do Centro Regional de Educação e Cultura de Nova Friburgo; Dr. Antônio Bertão, Presidente da AMES; Professor Clirton Rêgo Cabral, Diretor do Colégio Santo Agostinho; Profa. Dilva Moraes, Secretária Municipal de Turismo de Nova Friburgo; Prof. Gerdal Sigmorelli, Secretário de Turismo de Santa Maria Madalena; Dr. Dálvaro da Silva, do Ciclo de Estudos Euclidianos da Casa de Cultura "Euclides da Cunha" de São José do Rio Pardo, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo; Prof. Moisés Gicovate, Secretário do Centro de Estudos Euclidianos (SP).

Digníssimas Autoridades;

Ilustres descendentes de Euclides da Cunha;
Senhoras e Senhores:

Quando a população de um Município se posta à entrada de sua cidade para receber o cérebro de um conterrâneo, dos maiores vultos do País, aquele que fala em nome da comunidade e do governante municipal, além de comover-se, atemoriza-se ao peso da responsabilidade. Sente carência de recursos e teme não corresponder às culminâncias da missão.

Senhor Prefeito Nilo Guzzo:

Gratíssimo ao nobre gesto para com a nossa terra e a nossa gente. Altíssima e louvável a resolução de Vossa Excelência. Aplausos, pois, ao primeiro mandatário do Município. Apenas correu o risco de comprometer o significado da apoteose,

buscando-nos para seu intérprete e arauto dos conterrâneos neste marcante acontecimento.

Estamos diante de evento inédito neste torrão fluminense. Jamais ouvimos notícia de outro semelhante, na forma e na cor, em plagas brasileiras.

Não tivemos, assim, onde acorrer para lograr adjetivação apropriada à ornamentação deste pronunciamento; o que ora expendemos é a síntese de propósitos, a lealdade de um pensamento amadurecido. Externamos o que sentimos com toda pureza de fidelidade. *Id vero verius*; vertido ao vernáculo: nada mais verdadeiro.

Admiramos o glorificado possuidor deste cérebro, como se o tivéssemos conhecido pessoalmente; como se fôramos seu amigo íntimo e participe de suas avançadas, arrojadas e vitoriosas iniciativas.

De quem é a massa encefálica que encontrará no chão cantagalense morada definitiva? De que crânio foram retiradas as células que há setenta e quatro anos estão sem movimento?

Imobilizadas a 15 de agosto de 1909, tal imobilismo provocara, excitara, pode-se dizer, outras consciências. Afastara-se, este cérebro, do berço de nascimento aos três anos e a ele volve um século e pouco mais de três quinquênios depois; melhor dizendo, após o decurso de cento e dezessete anos.

Gerado no silêncio de histórica fazenda – a Fazenda da Saudade – veio à luz em 1866. Desenvolveu-se nos saudáveis climas de Teresópolis e nos ares temperados de São Fidélis, em princípio; depois, nos da Bahia e, finalmente, nos do Rio de Janeiro. Aí se educara, aí se atirara à luta, aí triunfara; e aí falecera aos quarenta e três anos, seis meses e vinte e sete dias de vida.

Nascido numa fazenda, fulgurou em todo continente brasileiro, com reflexos externos; imortalizou-se no Rio e aqui regressa para a pousada última. É o cérebro de Euclides da Cunha, nome que "constitui toda uma riqueza nacional", no julgamento de Evaristo de Moraes¹³⁰.

Foi um órgão que muito raciocinou; somente não pressentiu os aplausos dos pósteros, na recepção de retorno, decorrido tanto tempo, ao ninho de origem. Não previu esta ovação calorosa, este entusiasmo incomum dos conterrâneos.

Foi grande e opulento, num corpo de apenas cento e sessenta e cinco centímetros de altura.

Impressionou pela capacidade de discernimento, comoveu pela reconhecida dignidade; empolgou pela magnificência do estilo.

¹³⁰ *Reminiscências de um Rábula Criminalista*, Edit. Grande Livraria Leite Ribeiro, 1922, p. 220.

Abalou, mesmo depois de haver silenciado. Nem a morte o impediu de sensibilizar ideias sãs e arejadas, ainda agora, estremece quem o contempla.

O próprio regente de medicina legal e deontologia médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Afrânio Peixoto, abalou-se à hora em que teve a "obrigação funcional de eviscerar, na qualidade de médico legista, o cadáver do gigante da literatura nacional, que caíra abruptamente da própria amplitude, como se fora um condor que tombasse do céu, ferido de morte"¹³¹.

Cérebro atilado, veramente genial. Cérebro que analisou, prejudgou, definiu e retratou como nenhum outro, cérebro que semeou cultura, propalou conhecimentos e apregouo sentimento cívico.

¹³¹ V. Alves Menezes, Um Laudo Histórico, in *Rev. do Inst. Médico Legal do Est. da Guanabara*, vol. III, p. 23.

Seu portador, "um himalaia de patriotismo", assim o classificara Júlio Bueno¹³².

Aos dezessete anos, contara com a proteção das Musas, despontando na poesia. E tivemos *Ondas*, datadas de 1883.

Conceberia, mais tarde, *Os Sertões*, *Contrastes e Confrontos*, *Peru Versus Bolívia*, *À Margem da História*. Nesta, a leitura deixa-nos embevecidos, máxime ao descobrirmos o asserto do geólogo-geógrafo a respeito da Amazônia, "a terra mais nova do mundo talvez, consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hart. Nasceu da última convulsão geogênica que sublevou os Andes, e mal ultimou o seu processo evolutivo com as várzeas quaternárias que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável".

¹³² Apud Dilermando de Assis, *A Tragédia da Piedade*, Edições "O Cruzeiro", 1951, pp. 34/35.

Terra que "tem de tudo e falta-lhe tudo, porque lhe falta esse encadeamento de fenômenos desdobrados num ritmo vigoroso, de onde ressaltam, nítidas, as verdades da arte e da ciência".

É, "de toda a América, a paragem mais perlustrada dos sábios e a menos conhecida"¹³³.

Notável analista da terra, previu, inclusive, as consequências de seu flagelo e lançou no papel o resumo de suas impressões: Como se faz um deserto.

Cérebro que definiu, com argúcia e consciência, posição independente na questão de divisas entre dois países andinos, Peru e Bolívia. Seu aprofundado estudo levou-o a sustentar que a base principal das pretensões peruanas, no vertente litígio com a Bolívia, submetido ao exame e ao juízo do governo argentino, "além de ser

¹³³ V. *À Margem da História*, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, Ltda. Editora, Porto, 1922, pp. 7 e 8.

incaracterística e vaga, ilógica e inviável, nula de direito e de fato, volúvel ou passiva ante os caprichos de todos os cartógrafos, está errada, flagrantemente errada geométrica, astronômica, geográfica, política, jurídica e historicamente errada"¹³⁴.

E assim se pronunciou, com a ressalva de que não combatia as pretensões peruanas, denunciava um erro. Não defendia os direitos da Bolívia, defendia o Direito.

Cérebro que retratou a tragédia de Canudos onde chegara em 1897, "ensinando-nos a ver as chagas e ouvir os gemidos de nossa Pátria". Registrou o que viu na nefasta luta, que o deixou estarecido, ante às cenas dantescas e o quadro desolador da região percorrida. Contemplou, no meio da revolta, não a destruição de Canudos, mas da nossa apatia enervante, a "nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a

¹³⁴ V. *Peru Versus Bolívia*, Liv. Francisco Alves, 1907, p. 37.

nossa compreensão estreita da pátria, mal-esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; os restos de uma sociedade velha de retardatários, tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços".¹³⁵

Produziu, produziu muito, insistimos. Os *Sertões*, livro já octogenário, é tido como um dos documentos intelectuais mais altos da América; de maior fundo humano, de mais pungente e bela forma literária, lembra Puig Casaraux¹³⁶. No juízo hiperbólico de Mário Martins, é a "Bíblia da nacionalidade"¹³⁷.

Há nele descrições magníficas. O autor ora pincela uma tragédia, ora se refere à terra que atrai o homem, chamando-o "para o seio fecundo" e, encantando-o pelo "aspecto formosíssimo, arrebatava-o, afinal"; ora narra a entrada no sertão e

¹³⁵ V. *Canudos (Diário de uma Expedição)*, Liv. José Olympio Ed., 1939, p. 25.

¹³⁶ Apud Francisco Venâncio Filho, *A Glória de Euclides da Cunha*, Brasileira, vol. 193, ed. 1940. p. 225.

¹³⁷ *A Evolução da Literatura Brasileira*, Of. Gráf. do *Jornal do Brasil*, vol. 2.0, Rio, 1945, p. 321.

classifica o clima, as secas; ora explica a complexidade do problema etnológico no Brasil, a gênese do jagunço, "tradução justalinear quase do iluminado da idade média, com o mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte"; ora aponta as virtudes e constituição do vaqueiro-homem que se criou numa "intermitência, raro perturbada, de horas cruéis, de abastanças e de misérias, tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças", sofredor indivíduo que "atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes", "fez-se homem quase sem ter sido criança", "fez-se forte, esperto, resignado e prático"; ora discorre sobre o sertanejo, que é, "antes de tudo, um forte", ora, ainda, se reporta ao "raquitismo exaustivo do mestiço neurastênico do litoral". Euclides é preciso, poético até: o Castro Alves da prosa nacional, definiu-o Afrânio Peixoto.

Foi o real animador de nossa paisagem, o primeiro a pintar a tragédia do homem ante o

mistério da natureza, adita Nelson Werneck Sodré¹³⁸.

Delineia, com elegância e coragem, o ocorrido no solo amado, "a rude e formosíssima terra". Viu-a na sua magnitude impressionante e viu o homem na sua fragilidade, lutando por vencê-la, registra Lamago Filho¹³⁹. No prefácio do *Inferno Verde* – obra "surpreendente, original, extravagante" de Alberto Rangel – concluiu que "nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria inexpressiva na desordem majestosa do Amazonas".

Tinha o possuidor deste cérebro autoridade bastante para a corajosa afirmação. Conhecia a capacidade dos luminares citados. Mas aquilo que

¹³⁸ *História da Literatura Brasileira*, Liv. José Olympio Editora, 2.a ed. 1940, p. 208.

¹³⁹ *O Estado*, Niterói, 11-9-1932.

o arquiteto de *Os Apóstolos* e o obreiro de *Eurico* não matizariam com a frase impecável e a concisão lapidária para decifrar o Amazonas, ele o fez com a pena adestrada, ou com o cipó, na fugidia alusão de Nabuco, pois vindo de perto aquela "terra misteriosa", que conhecemos "aos fragmentos", onde o homem "é ainda um intruso impertinente", "chegou sem ser esperado nem querido", e "é estrangeiro, embora pisando em terras brasileiras", "quando a natureza estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão", região em que um rio, dramaticamente provoca a "luta das espécies vegetais", em "movimentos convulsivos de uma enorme batalha sem ruídos"; vero oceano de águas doces, cuja inconstância tumultuária "retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis", "recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrogando-se à ventura em repentinos atalhos", e precipita-se, "desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios, com a ânsia, com a tortura, com o

exaspero de monstruoso artista incontestável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido"¹⁴⁰.

Naquele preâmbulo magistral que sobrepuja a obra apresentada, este cérebro, conhecedor minucioso do Amazonas, raciocina que "a inteligência humana não suportaria de improviso o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la". E acrescenta: "Escapa-se-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza, que só se deixa ver, apequenando-se através dos microscópios; e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente e torturadamente".

Mas é natural, prossegue, "a terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton; esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os

¹⁴⁰ V. *À Margem da História*, ob. cit. pp. 6, 8, 9, 14.

lados adstrito à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traiçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando, e especializando, ao mesmo passo, os campos de observação".

Repara mais: "E a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo. Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira".

A seu ver, a Amazônia "é a última página ainda a escrever-se do Gênesis".

Tudo isso fora produzido pelo cérebro que temos diante de nós. Seu mensageiro exprimira-se, formando ecos com manifestações reais. Não alterou o que lhe informaram, para aumentar comentários acerca de um mesmo assunto. Viu de perto os fatos; presenciou-os, fotografou-os. Apalpou a terra, dialogou com o homem e formulou conclusões.

No entanto, seu último suspiro não foi ouvido. Uma tragédia, surpreendente e misteriosa, colocou ponto final à fulgurante carreira. Sua queda enlutou nações e enlaçou, com uma tarja negra, a intelectualidade universal, reconhecem milhões de brasileiros.

Mas deixemos, senhoras e senhores, que esta recordação se esvoace. Não estamos de luto, pelo contrário, estamos sim, radiantes, numa atmosfera nectarizada de alegria, vivendo momentos de júbilo, emocionados diante desse órgão em que processara toda atividade mental de Euclides da Cunha.

Seria oportuno ao prosador inconfundível, alguns dos versos que seu pai, Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, no ano 1874, aqui em Cantagalo, dedicara ao poeta dos escravos: A morte de Castro Alves:

"Raio de luz na sombra do mistério,

*Semelhou no clarão, luzeiro eterno
Que cedo se apagou!*

*Inspirado cantor, nos sonhos d'alma
Viu a glória tecer do gênio a palma
Que a fronte lhe adornou.*

*Oh! deixai-o em paz dessa ventura!
Ele que foi do berço à sepultura
Tão cercado de luz!
Se a pátria via nele o seu tesouro,
Na glória o nome seu, em letras d'ouro
Já bem perto reluz!...¹⁴¹*

Jamais poderia imaginar o bardo que o filho Euclides, mais tarde, faria o elogio do poeta, patrono de sua Cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Nossa voz é a soma das vozes cantagalenses que se não puderam erguer para manifestar regozijo, por vê-lo regressar à casa materna.

¹⁴¹ *Dom Casmurro*, número especial de aniversário, p. 16.

Hoje, sob vistas curiosas, surge o cérebro privilegiado para repousar na tranquilidade da Casa que recebeu o nome de seu detentor, "misto de celta, de tapuia e grego".

Não são as cinzas daquele corpo diminuto e resistente, que mesmo uma brisa frágil faria virem até nós, nem parcelas de seus ossos afinados, alguns estilhaçados por balas, que aqui chegam. Não. O que recebemos são os hemisférios cerebrais; os lóbulos frontal, parietal, occipital e temporal, enfim, a região responsável pela memória, a região que comanda a fala, a região que torna possível compreender os sons e a região que controla a escrita.

Sendo a região que comanda a fala, reflete a ideia que se movimenta para articular a palavra.

E que é a palavra?

É a linguagem da inteligência, modelada pela constituição do pensamento. O meio supremo de comunicação do homem com o mundo exterior - ensina o notável orador sacro D. Antônio de Almeida Moraes Júnior¹⁴².

E o tribuno-apóstolo indaga: que lhe valeria a luz penetrante da inteligência, se todo o seu tesouro se devesse perder no abismo de si mesmo, sem comunicá-lo aos seus semelhantes? Que valeria a estupenda maravilha do amor, se toda a sua beleza devesse permanecer hermeticamente enclausurada no sacrário do coração?

A palavra é a chave da inteligência e do coração. É a asa que conduz a ciência, a luz que acende outras luzes, a chave plena de sensibilidade que descerra as portas do coração para o intercâmbio da vida.

¹⁴² *Em Duas Academias*, Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1963, p. 6.

Eis aí o órgão da consciência e do pensamento de Euclides da Cunha. O cérebro que amava a natureza, que clamava por um campo aberto às suas análises e seus voos de gênio, que ambicionava a liberdade.

Ele, que sempre quis espaço, ar, luz, está hoje recolhido num invólucro singular. Repousará nessa âmbula com suas camadas de substância cinzenta, sede de todas as atividades consideradas características no homem: capacidade de falar, memória, inteligência e imaginação. Este o cérebro que soube difundir e enaltecer o solo pátrio.

Em verdade, outros, antes dele, nascidos neste Município, também se distinguiram: José Maria Noronha Feital (1818); Luiz Antônio da Silva Santos (1854), ambos médicos com mais de duas dezenas de livros publicados; José Carlos Rodrigues, jornalista dádiva cantagalense à imprensa anglo-americana (1844); Eduardo Teixeira de Carvalho Durão, promotor de justiça (1853); Luiz Agapito da Veiga, médico (1851);

Augusto de Souza Brandão, médico, (1854); Eduardo Chapot Prevost, médico (1864); Gustavo Peckolt – botânico de projeção nacional (1861). Contudo, nenhum deles ergueu tanto o nome do Brasil.

Nem mesmo os que surgiram depois: o poeta e processualista Arthur Nunes da Silva (1874), o magistrado e professor universitário Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães (1881), Augusto Brandão Filho, príncipe da cirurgia brasileira (1881), Américo José Castro, catedrático de História da língua espanhola (1885), Rodolpho Albino Dias da Silva, farmacêutico (1889).

Digníssimos familiares de Euclides da Cunha, senhoras e senhores:

Deste ponto especial em que nos encontramos, falando pelos co-munícipes e pelo governante de um município que tanta cultura exportara no século passado, e cujos filhos exsurgiram na medicina, no jornalismo, no

ministério público, na botânica, na poesia, na magistratura, na advocacia, deste centro em que nos colocamos para receber o órgão sensitivo de um cantagalense, proeminente brasileiro, queremos agradecer à Família Euclidiana pela oportuna decisão, pela iniciativa sem precedente na história, de trazer, para a terra-mater do músico exímio de *Os Sertões*, não as cinzas do autor, mas o seu cérebro; não os fragmentos de um esqueleto, mas as partículas completas de seu órgão pensador - o órgão mais nobre do corpo humano, como atestam os filhos de Hipócrates.

Na Casa que lhe guarda o nome permanecerá, não no esquecimento, como se encontrava há mais de sete décadas, mas na admiração dos pósteros, a incentivar as novas inteligências, a servir de farol às gerações vindouras, a iluminar-lhes o futuro, abrindo-lhes novos caminhos e demarcando-lhes horizontes.

Paz para a alma daquele que foi seu depositário e que em vida não teve descanso. Onde

se encontrarem o geólogo, o geógrafo, o botânico, o etnógrafo, o sociólogo, o cientista, os amantes das letras, enfim, Euclides da Cunha será lembrado.

Diremos a todos que provieram de regiões diversas para esta cerimônia, trazidos pela fama de um vulto nosso, que este não é o cérebro de quem alcançou o ápice da celebridade porque alçado a prestigioso cargo público. Não são os hemisférios cerebrais de um cidadão que atingiu o apogeu da fama na política, com recursos eleitorais estratégicos.

Subiu, sim, pelo valor pessoal: por seus méritos intelectuais.

Temos hoje, e felizmente, a oportunidade ampla de que fala Gilberto Freyre na introdução ao livro *Canudos – diário de uma expedição*¹⁴³, que não teve o brasileiro de ontem, de ver em Euclides não o autor glorioso de uma obra única, mas uma das personalidades mais fortes, mais criadoras e mais

¹⁴³ Liv. José Olympio Editora, 1939, p. XXV.

ricas de substância humana e da essência brasileira que já passaram pelas letras, pela cultura e pela vida do Brasil.

Vemos diante de nós o cérebro de quem lutou, de quem venceu, sem recursos, e só: o cérebro de Euclides Pimenta da Cunha.

Finalizemos, senhoras e senhores, com esta observação: se a inteligência baiana acompanhara o corpo de seu ídolo Ruy Barbosa – o mais refulgente raio de luz que cintilou entre nós – com inscrições em faixas, "*Rui, coração da Bahia*", poderemos agora, qual aqueles reconhecidos baianos, inscrever sobre a redoma de vidro que guarda o cérebro recém-chegado, a singular inscrição: EUCLIDES, CEREBRO CANTAGALENSE, pois foi do seio desta terra, do ventre deste torrão abençoado e fecundo que despontou ele para servir à Pátria, há quatro séculos batizada com esse belo, santificado e engrandecido nome de Brasil.

OBRAS DO AUTOR

Livros:

Geraldo Bezerra de Menezes – Homem de Fé e Apóstolo, 1972;

Presença de uma geração – Niterói, 1978;

A eternidade de Euclides da Cunha, 1988.

Opúsculos:

Saudação ao Professor Paulino Neto;

Paulino José Soares Souza Neto –

Reminiscências de Casimiro;

Euclydes, enfim, no chão em que nasceu;

Academia Cantagalense de Letras;

O Papel do Reservista na Conjuntura Nacional;

Américo Castro;

Cantagalense universal;

Brandão Filho – Príncipe da Cirurgia Brasileira;

Oração à Bandeira;

José Carlos Rodrigues;

Minha Mãe;

Alocução à Bandeira;

Apologia do idioma.

Conferências:

Euclides da Cunha e "*Os Sertões*";

Ruy, o maior dos símbolos;

Cultura e Desenvolvimento;

O Promotor de Justiça e o Tribunal do Júri;

A Formação Cristã da Família Brasileira;

Casimiro de Abreu e os 120 anos de "*As
Primaveras*";

Casimiro Redivivo;

Camões em nossos dias;

Camões, quatro séculos depois;

Direito e Justiça;

Ainda Camões;

O Direito Penal e a Justiça em nossos dias;

Direito, Justiça e violência;

A Literatura Brasileira, estilos de épocas e
Academias Literárias.



www.academiafluminensedeletras.org.br